

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

© Framed Films



AQUI PODE ENCONTRAR

- | 03 | **Retrato do autor** | Afonso Cruz
- | 04 | **Retrato do autor** | Vasco Gargalo
- | 05 | ***Quem Gosta de Animais Cresce Mais* – poemas para crianças e ilustrações inéditos** | António Manuel Couto Viana e Vítor π
- | 09 | **Entrevista**
- | 17 | **Couto Viana e o teatro ao serviço da criança** | Glória Bastos
- | 23 | **Contributos para o estudo do texto dramático e do teatro para crianças em Portugal** [excerto] | José António Gomes; Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva
- | 25 | **Era uma vez... um dragão** [excerto] | António Manuel Couto Viana
- | 30 | **O Natal dos brinquedos – breve peça em um acto** | António Manuel Couto Viana
- | 38 | **Bibliografia**

Cresceu ligado às artes e às letras: construía teatros e personagens de papel com as duas irmãs, devorava livros e passava uma grande parte do seu tempo no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, cidade onde nasceu, em 1923. Cedo começou a escrever poemas e peças de teatro, sendo *A Rosa Verde* a sua primeira peça infantil. Aos 23 anos, veio a mudança para Lisboa, com a família, a integração no meio intelectual e artístico da capital e as amizades para a vida com, entre outros, David-Mourão Ferreira e Sebastião da Gama. Em 1948 publicava o seu primeiro livro de poesia, *O Avestruz Lírico*, e foi iniciando colaborações com numerosas revistas, tais como *Camarada* (para crianças), *Távola Redonda* (cadernos de poesia) e *Graal* (cultural). Contribuiu fortemente para a literatura infanto-juvenil não apenas com originais, mas também com traduções e a adaptações de clássicos portugueses. Continuou muito ligado ao teatro (sobretudo àquele destinado a públicos mais jovens), trabalhando como autor, encenador, cenógrafo, figurinista e até actor, em casas como o Teatro Estúdio do Salitre, o Teatro do Gerifalto (de que era também director e empresário), o Teatro da Mocidade, a Companhia Nacional de Teatro, a Companhia Portuguesa de Ópera e o Teatro Nacional de São Carlos (de que foi mestre de cena até à reforma). Via-se, em primeiro lugar, como poeta, apesar de se ter aventurado por outros géneros, nomeadamente a gastrologia e os contos (sendo a sua estreia neste género assinalada em 2003, com o título *Meias de Seda Vermelhas e Sapatos de Verniz com Fivelas de Prata e Outros Contos*). Viveu na Casa do Artista, em Lisboa, durante mais de uma década até ao seu desaparecimento em 2010. Este dossiê apresenta brevemente algum do trabalho deste autor, sobretudo aquele dirigido ao público mais precoce.

© Afonso Cruz



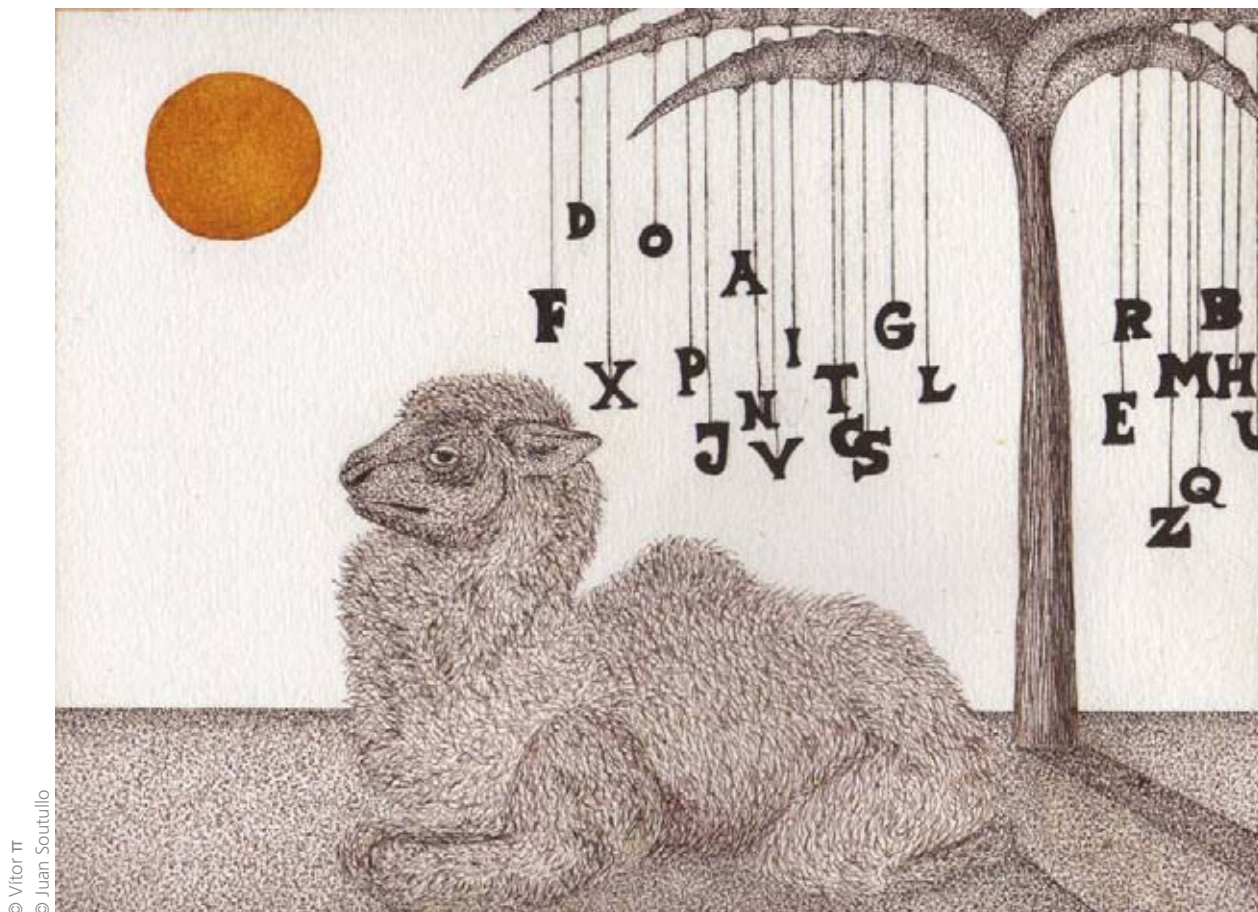
Ilustração de Couto Viana por Afonso Cruz, oferecida pelo artista ao escritor por ocasião da apresentação do livro *Bichos Diversos em Versos* (2008. Lisboa: Texto) e homenagem ao autor na Casa do Artista.



© Vasco Gargalo

Vasco Gargalo desenha Couto Viana, um retrato que figura no livro
Versos de Cacaracá – Poesia infantil (2010. Lisboa: Leya Texto).

QUEM GOSTA DE ANIMAIS CRESCE MAIS*



© Vitor T
© Juan Soutullo

O DROMEDÁRIO DÁRIO

Dorme, Dário Dromedário,
que amanhã vais ao deserto
aprender o abecedário,
num oásis aqui perto.
Porque o sono é necessário:
faz-te esperto!

* Publicamos aqui três poemas para crianças de António Manuel Couto Viana e respectivas ilustrações, assinadas por Vítor T, inéditos, que integram este título.

© Vitor T
© Juan Soutullo



A GALINHA ENGRIPADA

A Galinha,
coitadinha!
tem sintomas graves
de gripe das aves.
Não canta: está rouca,
e cobre-se de roupa.
Hora a hora, espirra
(irra! irra! irra!).
Fala à sobreposse:
(tosse! tosse! tosse!).
Tão doente fica
que nem depenica.
Anda o galinheiro
num grande berreiro,
temendo que ela
lhe pegue a mazela.
Médico afamado,
o Mocho é chamado
pra dar a sentença.

Todo empertigado,
 diz que essa doença
 é só resfriado:
 nada que não vença
 um xarope doce
 que alivie a tosse
 e a rouquidão.
 – «Tome, não hesite,
 que traz o apetite
 pró milho e pró pão.
 E coma a minhoca
 que não a sufoca.
 Mas tenha cuidado
 com o agasalho.»
 – disse o Mocho inchado.
 E voltou ao galho.
 Passaram uns dias
 sem tosse e agonias,
 Cacacacá!,
 a Galinha já
 põe ovos e canta.
 Tão limpa a garganta!
 A saúde é tanta
 que a todos espanta.
 O Mocho do galho
 fez um bom trabalho.



© Vitor TT
© Juan Soutullo



A TARTARUGA

A Tartaruga
é toda uma ruga
da idade que tem:
mais de cem.
Não gosta de briga:
se alguém a ameaça,
não liga,
oculta na carapaça.
Anda depressa no mar
e, na terra, devagar.
E a tartaruga
em fuga
foge tão lentamente
que até o caracol
lhe passa à frente.



António Manuel Couto Viana

| ENTREVISTA |

«Não lhes escondo o mal»

Mariana Sim-Sim David

Nasceu em 1923 em Viana do Castelo, o mais novo de três irmãos, no seio de uma família muito ligada às letras e as artes. Cresceu sempre próximo da poesia e do teatro, aventurando-se em ambos os géneros literários ainda novo. Quando em 1946 se mudou para Lisboa com a família, as novas amizades que criou (entre as quais, Sebastião da Gama e David-Mourão Ferreira) permitiram-lhe intensificar o percurso que começara a construir em Viana: publicou o seu primeiro livro de poesia, *O Avestruz Lírico*, em 1948; envolveu-se em numerosas revistas literárias (como a *Camarada*, dirigida a um público infantil; a *Távola Redonda*, de poesia, e a *Graal*, de cultura) e ingressou no Teatro Estúdio do Salitre como actor, encenador e figurinista, vindo posteriormente a passar por muitos outros teatros, ocupando diversas funções, tais como a de director, encenador e mestre de cena. À poesia e ao texto dramático foram-se juntando outros géneros literários, como o ensaio, a gastrologia e, recentemente, o conto (que só experimentara ocasionalmente, em jovem, nas páginas do *Diário Popular*). Recebeu-nos no seu quarto na Casa do Artista, onde nas paredes se multiplicam os desenhos oferecidos por amigos, as fotografias de familiares, algumas figuras de santos e nas estantes os livros, muitos livros. Os 87 anos com que já conta não o fizeram abrandar, e entre uma ou outra queixa de saúde, Couto Viana revela a intensíssima produção literária que mantém e relembra de forma minuciosa histórias e episódios antigos.

De que tipo de livros gostava quando era mais novo?

Eu gostava sobretudo dos livros de aventuras. Lia muito Júlio Verne, ele ensinava muito; creio que li toda a sua obra. Interessava-me a parte científica nos livros dele – ele criou muitas coisas que hoje são uma realidade e que naquela altura eram uma ficção; procurava explicar o porquê das coisas – como é que uma pessoa pode sobreviver numa ilha deserta... Essa aventura e esse conhecimento científico eram muito importantes. O [Emílio] Salgari também – esse apenas pela aventura, mas tinha o encanto, para mim, do Oriente; fui sempre um orientalista e sempre me senti bem no Oriente, sempre me deu muita inspiração. Vivi três anos em Macau, corri todos os países próximos e isso trouxe-me uma riqueza extraordinária.

E como era a sua relação com os livros quando era mais novo; lia muito?

Muito, muito! Até às escondidas. Não é que os livros fossem proibidos, mas passei um tempo doente – até escrevi um livro de poesia nessa altura, chamado *O Menino Doente* –, o médico queria que tivesse descanso total e proibia-me a leitura. Eu vivia numa aldeia, na quinta dos meus tios, eles tinham uma biblioteca e eu às escondidas ia lá buscar livros, lia-os à noite, à luz muito baixa do petróleo (ainda não havia electricidade nessa aldeia) e foi aí que eu descobri, por exemplo, *As Farpas* do Ramalho Ortigão¹. Procurava ler tudo o que o meu tio tinha na biblioteca; saía de casa sempre com um livro debaixo do braço, na espera do autocarro ou do eléctrico ficava a ler e durante a viagem, lia. Fui sempre um bom leitor.

Lembra-se dos autores que o puxaram para a escrita?

Fui sempre um queirosiano inveterado. Era muito novo quando comecei a ler o Eça; li e reli o Eça, sei de cor toda a sua produção. Li muito Camilo [Castelo Branco] também, mas nem todo me agradou; li e gostei sobretudo do Camilo sarcástico, satírico, mais do que do Camilo ultra-romântico.

Que idade tinha quando se começou a interessar por teatro?

Era muito pequeno. Nessa altura havia o costume, nas famílias, de ensinar as crianças a recitar nas festas aos avós e aos pais. Eu tinha uma tia, irmã do meu pai, que era extraordinária nisso – foi ela também que me ensinou a ler, pela *Cartilha Maternal* de João de Deus, aos meus cinco ou seis anos –, ensinou-me imensas poesias e monólogos e preparava-me e às minhas irmãs para essas festas de aniversário da família. Depois, quando fui para o liceu, comecei logo, nas festas escolares, a representar – havia sempre a escolha de uma farsa, de uma peça de teatro divertida. Eu, em miúdo, era uma pessoa doentamente tímida e o teatro é que me libertou dessa timidez; entrava em cena e era outro, porque era a personagem que estava a interpretar, e as pessoas ficavam espantadas com a minha desenvoltura, com o meu à-vontade, quando sabiam que era uma pessoa tímida. Comecei muito novo a admirar o teatro. Para além disso, tinha a vantagem de o meu avô fazer parte da direcção do Teatro Sá de Miranda, o único de

¹ Editada de 1871 a 1888, *As Farpas* era uma publicação mensal, de crítica e sátira social e propósitos educativos, inicialmente publicada em co-autoria por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão (que passou a autor único em 1872, com a partida de Eça para Cuba, onde exerceria funções de cônsul). Entre 1887 e 1891, Ortigão dedicou-se à reedição d'*As Farpas* em onze volumes, organizando os textos por temas; desde essa data, foram já várias as reedições desta publicação.

Viana, que era um teatrinho ligado ao Teatro Nacional D. Maria II. Aos meus 15 anos, escrevi uma revista à portuguesa sobre a vida escolar e a vida citadina; isso agradou aos meus professores e instigaram-me para que pudesse levar à cena essa revista. Eu tinha gosto em representar, mas sobretudo em dirigir actores; dirigi os meus colegas em tudo: representação, canto e coreografia; fiz cenários, figurinos e representei também. A apresentação desse espectáculo foi um grande êxito e tivemos de o repetir. Continuei a escrever revistas para épocas como o 1 de Dezembro, o 16 de Maio (dia de Gonçalo Velho, que dava nome ao meu liceu) – escrevia duas revistas por ano, ensaiava-as e dirigia-as. A minha mãe fazia parte de uma comissão que auxiliava a classe menos favorecida em alturas como o Natal e em que promoviam festas para angariar fundos. Ela pediu-me então que escrevesse uma peça infantil – a minha primeira –, *A Rosa Verde*, inédita mas já representada em Lisboa e em Setúbal. O meu gosto pelo teatro para crianças nasceu com essa peça e continuou na companhia de Teatro do Gerifalto, onde durante dezoito anos fui empresário, dirigi e ensaiei para crianças; foi a primeira companhia, em Portugal, criada propositadamente para espectáculos infantis, representados todos os sábados e domingos, e onde trabalhei com actores que começaram nesse teatro, em adolescentes, e se tornaram grandes figuras de cartaz (como o Rui Mendes, o Morais e Castro, o Francisco Nicholson, a Fernanda Montemor, a Lígia Teles e a Catarina Avelar).

É verdade que o Teatro Sá de Miranda, que referiu, foi herdado por si?

Por mim e pelas minhas irmãs, teria os meus 11 anos, a minha irmã mais velha mais quatro anos e a outra um ano e poucos meses mais que eu; o meu avô legou-o aos netos. Eu ia assistir a todos os espectáculos desde muito novo, não havia proibição nenhuma de idades para assistir a qualquer espectáculo: a família é que julgava se o podia ver ou não. Naquela altura as companhias de Lisboa faziam muitas digressões e iam muito a Viana porque tinham um bom público; vi representar actores que era difícil poder ver fora de Lisboa, como o Chaby². O teatro era quase a minha casa: quando tinha de estudar para exames, ia para o teatro, para o palco... Havia um certo isolamento, um ambiente propício ao estudo.

E a poesia, como surgiu na sua vida?

Num ambiente destes, era natural que o mais novo de todos gostasse também de imitar os mais velhos: todos eles escreviam, inclusive o meu pai. Minha mãe não, mas tinha uma sensibilidade extraordinária: lia, aos serões, peças de teatro à família – a minha tia e a minha avó tinham uma vista muito fraca, e ela, embora sendo espanhola, falava muitíssimo bem o português e lia extraordinariamente bem, com inflexões perfeitas. Isso entusiasmou-me muito e foi também através dessas leituras que comecei a amar o teatro.

Como foi a mudança de Viana do Castelo para Lisboa? Em que medida essa mudança contribuiu para a sua produção literária?

Logo que cheguei aqui, encontrei amigos extraordinários, como o David-Mourão Ferreira, o Sebastião da Gama, a Fernanda Botelho e outros... O David era mais novo que eu, tinha

² António Augusto de Chaby Pinheiro, ou Chaby Pinheiro (Lisboa, 1873-1933), actor que fez carreira como cómico em Portugal e no Brasil.

19 anos quando o conheci, ainda estava na faculdade, mas começámos logo a sentir que éramos uma geração que podia publicar uma revista literária, que nos distinguisse, onde pudéssemos dizer o que queríamos e o que pensávamos. Foi assim que nasceu a *Távola Redonda*, em 1950, e depois, mais tarde, a revista *Graal*.

Nós queríamos surgir com uma revista que nos representasse, éramos a favor do lirismo e opúnhamo-nos – fui o primeiro a opor-me, no meu primeiro livro de poesia, *O Avestruz Lírico* – ao neo-realismo, que estava na moda. Eu descendo de D. Dinis e no meu livro tenho este poema que me identifica e à minha ideia naquela altura: «Podem pedir-me, em vão,/poemas sociais,/amor de irmão p’ra irmão/e outras coisas mais://Falo de mim – só falo/daquilo que conheço./O resto... calo/e esqueço.»³ Isto foi, como dizia o David, uma «pedrada no charco». A partir daí (estávamos em 1948), começámos a pensar numa revista em que nos pudéssemos identificar. O David pensou no título *Arame Farpado*, porque tínhamos gostado muito desta expressão do Afonso Lopes Vieira: «Há pessoas que entram na poesia como rinocerontes num jardim.» Esse arame farpado servia para defender o jardim que era a poesia. Mas eu, que sou um medievalista, sugeri *Távola Redonda*, e foi aprovado. Havia dificuldades, como a censura prévia: tinha de se pagar uma caução para sair uma revista. Era possível escapar a isso se não se lhe chamasse revista, mas, por exemplo, «folhas de poesia», e se utilizássemos o termo «fascículos» e não «números». Assim estávamos ilibados de todas essas burocracias. Depois, havia o problema da tipografia, mas eu nessa altura já dirigia um jornal infanto-juvenil, o *Camarada*, e trabalhava com uma tipografia, O Mosquito; dei-me como responsável pela revista junto da tipografia e ela aceitou. Escolhemos um papel «de embrulho», especial, muito barato, e depois havia as ilustrações, que podiam ser feitas com lápis litográfico, na chapa litográfica, mas não se podiam emendar. Ora, eu tinha um amigo, e colaborador no *Camarada*, o António Vaz Pereira, que estava nessa altura a formar-se em Direito, e era um desenhador extraordinário, capaz de desenhar sem uma emenda. Eu fazia a paginação da revista, deixava-lhe espaços para ele ilustrar e ele, com o lápis litográfico, desenhava na própria chapa. Aquilo ficava de graça. Eu próprio também desenhei para a revista nas mesmas condições. Portanto, a revista «profusamente ilustrada», que era um espectáculo, era de graça. As pessoas ficavam espantadas, achavam que aquelas ilustrações todas eram uma fortuna, mas a revista saía-nos muito barata. A parte tipográfica era sobretudo poesia, raramente havia prosa (uma ou duas páginas), que encarecia a revista, mas a poesia é

«[...] começámos logo a sentir que éramos uma geração que podia publicar uma revista literária, que nos distinguisse, onde pudéssemos dizer o que queríamos e o que pensávamos. Foi assim que nasceu a *Távola Redonda*, em 1950, e depois, mais tarde, a revista *Graal*.»

³ Excerto do poema «Uma vez uma voz», in (1948) *O Avestruz Lírico*. Lisboa (col. Búzio).

muito mais barata. Éramos nós que distribuíamos a revista pelas livrarias de Lisboa e tínhamos alguns representantes em várias partes do país, como o Sebastião da Gama em Setúbal, enviávamos-lhes as revistas, eles distribuíam-nas e depois as livrarias prestavam contas. Logo que saía a revista, eu, o David e o Luís de Macedo também íamos, cheios de exemplares, subindo o Chiado, distribuindo-os pelas livrarias e assim conseguimos manter a revista até ao vigésimo número.

Na sua obra retrata, frequentemente, episódios decorridos em vários reinados portugueses. Por que é que a Monarquia é um tema tão recorrente?

Eu sou monárquico e sou da tradição: o meu pai era monárquico, oficial do exército e combateu em Monsanto, a 24 e 25 de Janeiro de 1919, na Revolta de Monsanto que depois gerou a Monarquia do Norte; foi feito prisioneiro durante oito meses e expulso do exército. Ser monárquico é uma tradição familiar, mas sou-o também por convicção, não apenas por tradição. Achei que era curioso o facto de raramente haver textos sobre essa transição entre a Monarquia e a República e entre a República e a Monarquia – sobretudo a Monarquia do Norte, as incursões do [Paiva] Couceiro, coisas muito importantes para a minha terra e para a região minhota, porque as incursões entravam por ali. Havia sempre monárquicos conspiradores, conflitos; a minha cidade acordava monárquica e adormecia republicana... Era uma época curiosa, que não vivi, mas ouvia a minha família falar sobre ela, o que me deu material para escrever (e é claro que denuncio, muitas vezes, os oportunistas, os adesivos, aqueles que eram monárquicos mas adormeciam republicanos...). A vida dessa época não foi tratada literariamente, e eu achei curioso falar nela.

A sua terra natal, Viana do Castelo, influencia de algum modo a sua produção literária?

Claro que sim. A família toda é uma apaixonada pela sua terra, que é encantadora: meu pai, um etnólogo, um homem que fez o ressurgimento do trajo à lavradeira (aquilo a que se chama «trajo à minhota», mas que é apenas do concelho de Viana do Castelo) e escreveu sobre Viana; minha irmã mais velha também tinha uma grande paixão por Viana e escreveu muito sobre ela e o mesmo com a minha outra irmã... O Luís d'Oliveira Guimarães dizia que o meu pai amava tanto a própria terra que até a usava no nome (Couto Viana). Eu identifico-me com a própria cidade e tenho recebido dela um carinho e uma admiração muito grandes – recentemente foi edificada a Biblioteca Municipal de Viana, que tem quatro salas: a sala Camões, a sala Fernando Pessoa, a sala José Saramago e a sala Couto Viana; sou cidadão de mérito da cidade; a Câmara Municipal tem publicado muitos livros meus de poesia e de ensaio... A cidade tem correspondido ao meu amor.

Dos muitos géneros literários em que escreveu (teatro, poesia, conto, ensaio), tem algum preferido?

A poesia. Sou, acima de tudo, poeta.

Mais recentemente, publicou um livro de contos, um género em que é pouco conhecido. Como surgiu a oportunidade?

Comecei muito tarde a escrever ficção. Quando vim para Lisboa, queria fazer parte da redacção do *Diário Popular*, gostava de ser jornalista. Escrevi uma carta ao Luís Forjaz

Trigueiros, que nessa altura dirigia o jornal, mas como toda a parte jornalística estava preenchida, sugeriu-me antes que escrevesse para uma secção do jornal chamada «Um conto por dia». Fora essas insipiências, só mais tarde, aos 80 anos, é que comecei a publicar livros de contos. Escrevi um conto um dia, não sei porquê, estava disponível. Tenho um

grupo de amigos «almoçantes» que se reúne todas as terças-feiras para almoçar num restaurante de Lisboa, aqui ou acolá, entre eles estão, por exemplo, o contista Mário Braga e o crítico João Bigotte Chorão. Escrevi e quis ler-lhes esse conto, perguntar-lhes se aquilo valia a pena; eles gostaram muito e instigaram-me a escrever, e eu continuei a escrever contos, a ler-lhos e foram eles que me sugeriram que escrevesse sobre essa época de transição entre a Monarquia e a República. O livro⁴ teve êxito; escrevi um segundo livro⁵, que mais êxito teve, foi premiado e esgotou em menos de um ano, e escrevi um terceiro⁶, que também está a vender bem. E assim apareci contista aos 80 anos.

«Está-se a formar o homem ou a mulher, e portanto temos de ter cuidado na maneira como os educamos.»

Também tem uma obra vasta dedicada a um público mais jovem. Como começou a escrever para os mais novos?

Foi sobretudo através do teatro. O primeiro texto que escrevi para crianças foi uma peça de teatro. Fui publicando peças, por encomenda, e escrevendo mais. Escrever para crianças é um dom e um gosto, e reconheço que tenho essa capacidade de me dirigir às crianças no que escrevo e, no caso do teatro, montando um espectáculo de que sei que vão gostar.

Considera existirem géneros menores em literatura?

Suponho que sim. Em todo o caso, não tão menos importantes que os possamos desprezar, porque, no fundo, a literatura também depende do interesse para o leitor; é escrita para alguém, não é escrita para a gaveta. Por exemplo, a gastrologia tem um grupo de leitores muito mais limitado do que um romance, ou mesmo de poesia.

Há cuidados que é necessário ter quando se escreve para crianças e adolescentes?

Acho que sim. Está-se a formar o homem ou a mulher, e portanto temos de ter cuidado na maneira como os educamos. Cuidado nos enredos e na linguagem – não utilizo uma linguagem ordinária, reles, nem uma linguagem infantil, com diminutivos; procuro dar-lhes palavras que possam não conhecer, mas para que se preocupem em saber o que significam. Tenho também uma preocupação de formação cívica e moral – não lhes escondo o mal, penso que as crianças têm de estar preparadas para se defender da parte má da vida.

Nas obras infantis que escreveu, procurou transmitir algum tipo de valores? Quais?

Sempre. Valores morais e cívicos.

⁴ (2004). *Meias de Seda Vermelha e Sapatos de Verniz com Fivelas de Prata e Outros Contos*. Lisboa: Prefácio.

⁵ (2008). *Os Despautérios do Padre Libório e Outros Contos Pícaros*. Guimarães: Opera Omnia.

⁶ (2009). *Que É que Eu Tenho, Maria Arnalda? E Outros Contos Pícaros*. Guimarães: Opera Omnia.

É importante, numa história para crianças, a existência de moral da história? Porquê?
 Pode não haver, mas eu, geralmente, preocupo-me com isso. Não sinto que seja obrigatório, mas na minha criação sinto essa obrigatoriedade. Acho-a importante pela formação, porque precisamos de formar um cérebro e uma sensibilidade.

De que estratégias ou instrumentos se deve servir o texto dramático para prender a atenção dos mais novos?

A fantasia, a imaginação e sobretudo muita acção. As crianças precisam de acção; a palavra só não chega, é preciso essa acção para as cativar.

Na poesia e prosa que produziu para crianças, as personagens são muitas vezes pessoas e objectos com características mágicas ou poderes. Porquê?

Sou de um tempo, que felizmente já passou, do materialismo dialéctico, em que os políticos condenavam a fantasia: a existência da fada, da bruxa, do encanto; era o realismo que se devia utilizar. Eu fui sempre contra isso nos meus textos e nos textos que encomendava (espectáculos e peças que encomendava a amigos meus que sabia que tinham qualidades literárias e dramáticas), procurei sempre o primado da fantasia e que houvesse a parte escura da vida e a parte clara também, para que as crianças se defendessem da parte escura e optassem pela parte clara.

E os animais; por que é que escreve tantas vezes sobre animais?

Em primeiro lugar, porque gosto muito de animais (o título de um livro meu que está próximo de sair é *A Criança que Gosta de Animais Cresce Mais*). O contacto com o cavalo, o cão, com vários animais é hoje uma terapia para crianças deficientes. A criança deve ser educada de forma próxima dos animais e estimá-los.

Depois de escrever um livro destinado a crianças ou jovens, como é o processo de escolha e diálogo com o ilustrador?

Geralmente é o editor que escolhe; tenho tido muita sorte, pois trabalho com excelentes ilustradores, nunca tive queixas. Tenho a melhor relação possível com os ilustradores; acho que, no acto de criação, têm de ter liberdade. Em compensação, vejo colegas meus, na literatura infantil, que são flagelados pelas ilustrações...

Dedicou-se à tradução para português de muitas obras infantis estrangeiras. Tinha algum papel na escolha das obras a traduzir?

Não, eram encomendadas pelo editor. Eram acima de tudo versões em português, porque dei sempre um pouco de mim nessas traduções.

Actualmente continua a escrever? O que tem escrito? E tem planos para publicar alguma coisa brevemente?

Tenho sempre muitos livros para publicar e muitos livros a escrever. Tenho um livro de contos; com muita frequência escrevo contos e vou-os acumulando para um livro. Tenho poesias, e vou-as acumulando para um livro; publico um livro de poesia todos os anos no meu dia de anos (e este ano não faltei à regra e sei que está a crescer um livro para

o próximo ano, se eu for vivo!). Só o teatro é que tenho abandonado um bocado, mas continuo a escrever textos de gastronomia, ensaios (sobre escritores, sobretudo os da minha terra) e vou juntando essas colaborações para livros futuros. A publicar, tenho um livro de ensaios na Babel; um livro sobre toda a minha poesia orientalista pela Fundação Oriente (para o qual ainda estão à procura de editor); um livro sobre escritores do Alto Minho, para uma geografia literária da região; um livro com a história da Companhia Nacional de Teatro e estou, com um amigo meu, o Ricardo de Saavedra, a escrever uma autobiografia... E tenho ainda o meu trabalho para a Gulbenkian⁷ todos os meses. A minha actividade literária é muito grande. ■

⁷ Integra o Conselho de Leitura dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian.

Couto Viana e o teatro ao serviço da criança¹

Glória Bastos*

Teatro Infantil é, acima de tudo, Teatro, um teatro acessível à criança. Disto estou absolutamente certo. E o que é, afinal, acessível à criança? A ideia recente da maior parte dos pedagogos tem sido limitar o conhecimento infantil, estabelecer-lhe estreitas fronteiras. Não concordo, de forma alguma, com este ponto de vista. [...] Erra, pois, quem se imagina obrigado, ao destinar uma peça a um público de crianças, a empregar um reduzido vocabulário e uma não menos reduzida temática. Que limites se podem pôr à imaginação infantil e à sua mágica criação de palavras?
(1967, pp. 16-17)

1. Inicio a minha intervenção com palavras do próprio António Manuel Couto Viana, retiradas de um livro publicado em 1967 – significativamente intitulado *O Teatro ao Serviço da Criança* – não só para sublinhar a actualidade destas suas reflexões, a uma distância de quase 40 anos, mas também para sinalizar, desde já, as linhas mestras que caracterizam o extraordinário percurso de Couto Viana como autor, encenador e empresário no âmbito do teatro português para crianças e jovens.

Embora tenha estendido a sua actividade dramática a outros domínios do teatro – não podemos esquecer que iniciou a sua carreira no «Teatro-Estúdio do Salitre», como cenarista, intérprete e encenador, e que nos anos sessenta seria ainda director da Companhia Nacional de Teatro (que sucedeu ao Teatro Nacional Popular, de Francisco Ribeiro), que esteve no teatro da Trindade entre 1961 e 1967 –, na verdade considero que é no campo do teatro destinado aos mais novos que o trabalho de Couto Viana verdadeiramente se destaca, tendo aí desempenhado um papel decisivo em vários domínios, destacando-se o de autor e de director. Neste sentido, é ao seu trajecto no teatro infantil e juvenil que vou dedicar este espaço de partilha, referindo-me, em primeiro lugar, às duas estruturas que a sua arte teatral alimentou e, seguidamente, dedicarei algumas palavras a alguns dos textos dramáticos que escreveu.

2. A 1 de Dezembro de 1948 estreava-se o «Teatro da Mocidade», no Teatro Nacional de D. Maria II, com a peça de António Couto Viana, «O caminho é por aqui», como o próprio recorda no prefácio ao livro *10 Peças de Teatro Infantil* (1962).

¹ Comunicação apresentada a 28 de Fevereiro de 2005, na Sociedade Portuguesa de Autores, por ocasião das comemorações dos 80 anos da SPA, que incluíram, entre outras iniciativas, sessões de homenagem a vários associados seniores.

* Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta; autora do livro (2006) *O Teatro para Crianças em Portugal. História e crítica*. Lisboa: Caminho.

«O "programa" que o "Teatro da Mocidade" se propunha cumprir tinha como núcleo central «a alfabetização teatral da criança e do jovem; a preparação de um público interessado na essência e na estética do teatro; a revelação e aperfeiçoamento de novos autores, actores, encenadores, cenaristas, figurinistas, a criarem uma Arte moça na idade e no sentir, portuguesa por imposição da alma.» (1962, p. 5) Assumia-se, assim, um carácter didáctico, reiterado por Couto Viana em vários artigos e entrevistas dadas enquanto director do «Teatro da Mocidade». Escrevia num periódico, em 1955, que o teatro era, fundamentalmente, uma «fonte de educação e cultura», manifestando uma preocupação, que manterá sempre ao longo da sua carreira, com as reacções e o envolvimento do jovem público (in *Infância e Juventude*). A este respeito, refere algumas práticas de outros países, nomeadamente o recurso a inquéritos, no sentido de avaliar a adequação das peças, processo que tentará mais tarde implementar no seu «Teatro do Gerifalto».

Recordemos que no «Teatro da Mocidade» iniciaram também a sua actividade artística vários nomes relevantes dos palcos portugueses (alguns dos quais transitarão para o elenco do «Teatro do Gerifalto»), como Alda Rodrigues, Alexandre Vieira, Alina Vaz, Catarina Avelar, Eduardo Silveira, Fernanda Alves, Fernanda Montemor, Francisco Nicholson, Lúcia Teles, Luís Cerqueira, Luís Horta, Mário Pereira, Morais e Castro e Rui Mendes.

Além dos aspectos apontados quanto aos propósitos do «Teatro da Mocidade», Couto Viana esclarece ainda, em vários outros textos seus, pormenores relativos à «estética» que enquadrava os trabalhos apresentados pelo grupo, explicitando alguns elementos orientadores das suas encenações. Apontando as raízes fundamentais do seu trabalho – o «Teatro-Estúdio do Salitre» – o autor e responsável pelo grupo descreve a sua busca de um estilo próprio, que caracteriza como «um estilo moderno, afastado do naturalismo que, à roda de 1948, era ainda senhor soberano dos palcos profissionais portugueses», e também, da maioria das peças escritas então para crianças. Em alternativa, procura criar «novidades na encenação», ao imprimir à representação «a agilidade, a garridice peculiar aos "cómicos d' Arte", com os seus movimentos de ballet, a sua cumplicidade com o público». Procurava, assim, ir em linha recta e firme, «ao coração da infância e da juventude» (1962, p. 9).

3. Em 1956 funda o «Teatro do Gerifalto», no qual desenvolveu um trabalho ímpar, constituindo esta uma das estruturas mais importantes da história do teatro para a infância e juventude em Portugal.

Pelo «Teatro do Gerifalto», durante quinze épocas, passaram textos de numerosos autores, sobretudo portugueses (mas também alguns estrangeiros, como Molière e Strindberg). Um breve historial do grupo foi publicado em 1970: *Teatro do Gerifalto (1956/57-1970/71) – 15 anos ao serviço do teatro e da criança*. Nessa brochura, entre outros elementos, nomeiam-se as peças e autores apresentados, os muitos actores que passaram pela companhia – e muitos deles seguiram carreiras de relevo no teatro.

O manifesto do «Teatro do Gerifalto», assinado por Goulart Nogueira, surge sob a forma de um conjunto de asserções, que procuram indicar, claramente, qual o lugar do Teatro Infantil enquanto Arte. Abordam-se questões como os objectivos do teatro infantil;

o lugar do destinatário criança; as constantes temáticas; a problemática da encenação e o lugar do texto. Quero chamar a vossa atenção para este último aspecto, que tem um interesse particular, uma vez que uma das características mais significativas da actividade do grupo consistiu, exactamente, no recurso a textos originais, de vários autores, mas sobretudo escritos desde logo no domínio do dramático, situação que continua a ser quase uma excepção no panorama do teatro para os mais novos, com vários grupos a preferirem hoje as criações colectivas ou a adaptação dramática de outro tipo de textos.

Esta centralidade do texto dramático conduziu a uma colaboração muito variada, e que contou com alguns nomes relevantes da literatura dramática nacional, como Natália Correia ou Fernando Amado.

4. No volume *Teatro Infantil e Juvenil*, publicado em 1997, estão disponíveis, pela primeira vez, para leitura e representação, o conjunto de peças que António Manuel Couto Viana concebeu ao longo de vários anos. Nem todos os textos estão datados, mas temos aqui peças que se situam entre 1949 e 1984, como é o caso de «Auto dos cinco pastores» e penso que pela problemática abordada, a peça para fantoches «É um regalo na vida à beira d'água morar» também será um dos textos mais recentes – o autor, aqui presente, que me corrija se assim não for.

Dividido em duas partes, *Teatro Infantil e Juvenil* integra, na parte I, o «Teatro Infantil», com nove peças, duas delas escritas em parceria («Do cimo desse telhado», com Ricardo Alberty, e «O príncipe com orelhas de burro», com Fernando de Paços). Na parte II, denominada «Teatro Juvenil», incluem-se mais oito textos.

Nos textos explicitamente destinados aos mais pequenos existe uma peça para fantoches, como já referi, «É um regalo na vida à beira d'água morar...» (e é conhecido o interesse do autor pelo teatro de fantoches, cuja apologia fez em diversas ocasiões), adaptações de narrativas tradicionais e pequenas «fábulas» dramáticas. Figuras e situações históricas e uma reflexão de cariz mais profundo sobre o homem, as suas virtudes e defeitos são os aspectos que marcam os textos incluídos em «Teatro Juvenil». Na generalidade, deparamos igualmente com uma escrita muito rica em informações cénicas, a fazer adivinhar que estamos perante um autor que escrevia com a perspectiva do espectáculo concreto.

Num panorama de conjunto, as peças de Couto Viana distinguem-se pela sonoridade e agilidade da escrita, que recorre ao verso rimado. Não posso deixar de relacionar este aspecto com o poeta que o autor é – dimensão que hoje será também aqui evocada. No caso da poesia dramática – se me é permitido utilizar este termo no contexto mencionado – estamos perante textos que conseguem uma dinâmica assinalável, em que as rápidas trocas verbais entre as figuras em cena conferem uma significativa agilidade à acção e à sua progressão – aspecto este com algum significado, se atendermos aos destinatários preferenciais destas peças para teatro.

5. No plano temático, vemos consubstanciadas as ideias expressas pelo autor em alguns artigos e entrevistas, como a que deu ao periódico *Os Nossos Filhos*, em 1957, onde refere que o orienta, principalmente, a «preocupação de não dar à criança um mundo falso, cor-de-rosa, de não ocultar as dificuldades da vida, o claro-escuro de todas as

coisas». As suas peças colocam em cena, sobretudo, personagens-símbolo, representativas de posições distintas, em que o bem e o mal, a alegria e a tristeza, a gabarolice ou o medo surgem com formas bem demarcadas.

Por exemplo, em «O Natal dos bonecos» temos um conjunto de bonecos que decide castigar uma menina invejosa; na peça «As três costureiras» retratam-se três atitudes diferentes em relação à vida: a de vestido branco encara a vida com esforço e trabalho – «a tarefa por findar/Não dá prazer» (p. 36) –, a de vermelho apenas vê a folia – «a vida quer-se bailada/E com cantigas!» (p. 35) – e finalmente a de negro, somente descobre desgraças e dissabores – «como pode andar garrida/De roupa branca ou garrida/A que ao mundo chorar vem!» (p. 36). É esta visão que cada uma irá tentar impor, através de uma tarefa que deverão cumprir: costurar o vestido de baptizado do jovem príncipe. No final, é da conjugação do trabalho realizado que nascerá o equilíbrio e a harmonia, assim descrita pela Rainha, e a ideia de reposição de uma certa «ordem» no final da «história» constitui uma preocupação de escrita sempre presente:

*Por isso, o vosso vestido
Tem um sentido:
Reúne, com harmonia,
Labor, prudência, alegria
– Virtudes que hei desejado
Pra meu filho muito amado. (p. 60)*

Em «Era uma vez... um dragão!» os três intervenientes na acção são, agora, três cavaleiros que surgem em cena em jeito de bonifrates, para logo em seguida se auto-caracterizarem como representantes de defeitos morais como a mentira (Catrapiz) ou a prosápia (Catrapaz). Catrapuz será o que revela qualidades opostas às dos companheiros, decidindo dar-lhes uma lição que os faça descobrir o bom caminho – o caminho da redenção moral. Por seu lado, a história de Clarim e Clarão, em «Uma história que eu cá sei», coloca frente a frente dois teimosos representantes de posições extremadas: um apenas acredita nas virtudes do dizer sim a tudo, o outro apenas diz não. Nova lição se impõe, que conduzirá cada uma das personagens a defender agora a posição oposta, mas com a moral reposta pela figura do narrador: «A resposta será sim ou não –/Depende da pergunta e ocasião.» (p. 101)

Esta preocupação em apontar as contradições do ser humano (mesmo quando os protagonistas são animais humanizados) e os caminhos mais correctos estende-se ainda ao texto escrito em conjunto com Ricardo Alberty: «Do cimo desse telhado» é uma fábula moderna, em que um gato guloso e um canário ambicioso se travam de razões sem razão, que um limpa-chaminés vem finalmente clarificar, sublinhando os sentimentos mesquinhos que os guiam, perante os quais devem antes «erguer, como ideal,/O bem de todos» (p. 188).

Estas peças tematizam, em termos gerais, a mesma problemática: é a grande questão moral do bem e do mal, do certo e do errado, que nestas composições permanece como principal constante, sucessivamente reiterada. Mas que isso não nos leve a considerar que a dimensão lúdica, tão importante no teatro para crianças, está ausente destes textos.

Na verdade, quer no jogo cénico das personagens, que em quase todas as peças interagem directamente com o público, quer na ingenuidade que caracteriza muitas das figuras que povoam estes entrecos, quer ainda pela linguagem que, na sua riqueza, nunca perde de vista o destinatário-criança, o facto é que as peças de António Couto Viana conseguem a desejada comunicação com os mais novos.

6. Além das personagens com um tipo de caracterização bem vincada, surgem outros aspectos a reter. Um dos elementos mais significativos é a presença de uma voz comentadora da acção. Em alguns textos, essa voz é a de um narrador que começa por intervir apresentando a história, utilizando para tal expressões que servem como desencadeadores da acção, e que são bem conhecidas das crianças que assistem à peça, como o tradicional «era uma vez...» (em «Era uma vez... um dragão!»), ou a fórmula numérica indicadora de sinal de partida ou de início de uma actividade, «um... dois... três – vai começar!» (em «As três costureiras»). Esta figura do narrador pode surgir igualmente noutros pontos estratégicos do enredo, comentando-o a meio ou explicitando o decurso do tempo e resumindo certas sequências; mas, sobretudo, intervindo no final, pontuando e encerrando com o seu comentário, sempre de ordem moral, o desfecho da acção.

Mas o narrador é, da mesma forma, uma voz qualificada, sobretudo porque é possuidor de um mais-saber em relação à história que vai ser apresentada. Na verdade, as suas intervenções iniciais, tendo como função introduzir as personagens e o tema central que as interacções vão explorar e desenvolver – seguindo, sobretudo, a forma argumentativa –, revelam igualmente, perante o leitor/espectador, uma figura que já possui um conhecimento total sobre a intriga. É assim um representante da «autoridade do autor», quer perante as personagens que vão evoluir nas histórias, quer também perante os espectadores, ao apresentar-se como aquele que domina todo o contexto comunicativo, interno e externo aos textos: «Sem mim,/Sim,/Não começa a peça;/Pois só eu a sei contar.» (v. 4-7 de «Uma história que eu cá sei»). Esta condição permite-lhe ainda, por exemplo, esclarecer desde logo o «projecto comunicativo» (Linell, 1998) da peça, ao tecer considerações do tipo: «Prestai, senhores, atenção:/Ides ouvir e ouvir contar/Uma história – uma lição/Que vos há-de aproveitar.» (v. 1-4 de «As três costureiras»)

Esta figura do «Narrador de Histórias» irá ainda fazer ouvir a sua voz em vários momentos de transição da acção e no final, com a função explícita de sublinhar a «lição» do texto. Não será, pois, por acaso que esta mesma palavra apareça em quase todas as peças de «Teatro Infantil», com algumas excepções, em que é substituída pelo sinónimo «moral» ou «moralidade»:

*Deu-se (e aprendeu-se!) a lição.
A história chegou ao fim. («Uma história que eu cá sei»)*
*Oxalá não vá esquecer
A sábia lição da peça! («As três costureiras»)*
*Seja qual for vossa idade,
Sabei a moralidade
Aqui, na farsa, contida («Era uma vez... um dragão»)*

Quando não existe narrador, será a personagem mais qualificada da história a que cumprirá essa mesma função. É o que acontece em «O Natal dos Bonecos», com a intervenção final da «Boneca de trapos» («É esta a moral/Do nosso Natal»); com o limpachaminés de «Do cimo desse telhado» («E tudo, em bem, terminado,/Que fique viva a lição/De amor, dada ao coração,/Do cimo desse telhado»); ou ainda a figura do fantoche D. Roberto do texto «É um regalo na vida...» («E agora para castigo,/para aprender bem a lição,/cante comigo/esta canção»).

7. Finalizo referindo que as orientações e características apresentadas não surgem por acaso, são fruto de uma ideia de literatura para crianças e de uma coerência posta depois na escrita, que brevemente procurei ilustrar. Por isso, não será também por acaso que em afirmação recente, que podemos ler na página da Fundação Calouste Gulbenkian, a propósito das sugestões de leitura que aponta, o autor refira, e cito, «movem-me, principalmente, três propósitos na escolha dos livros destinados aos leitores portugueses até aos vinte anos de idade: *a educação, a cultura e a diversão*» (in http://www.leitura.gulbenkian.pt/livros_da_minha_vida/).

Esta tripla preocupação percorre também o teatro para crianças e jovens de António Manuel Couto Viana, que, com a sua enorme mestria de escrita, ocupa um lugar de particular relevo no campo da cultura portuguesa e nesta área tão especial que é a da literatura para os mais novos.

Referências bibliográficas

- ▶ LINELL, Pier (1998). *Approaching Dialogue. Talk, interaction and contexts in dialogical perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- ▶ NOGUEIRA, Goulart (1957). «Defendemos», *Programa do Teatro do Gerifalto*.
- ▶ VIANA, António Manuel Couto (1955). «Teatro para a infância e juventude», in *Infância e Juventude*, n.º 3.
- ▶ (1957). Entrevista in *Os Nossos Filhos*, n.º 180.
- ▶ (1962). *10 Peças de Teatro Infantil*. Lisboa: Mocidade Portuguesa.
- ▶ (1967). *O Teatro ao Serviço da Criança*. Lisboa: s.e.
- ▶ (1970). *Teatro do Gerifalto (1956/57-1970/71) – 15 anos ao serviço do teatro e da criança*. S.n.: Empresa António Couto Viana.
- ▶ (1997). *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa: Nova Arrancada.

Originalmente publicado em: GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2008). «Contributos para o estudo do texto dramático e do teatro para crianças em Portugal» in RAMOS, Ana Margarida; ROIG RECHOU, Blanca-Ana e GOMES, José António (coord.). *Teatro para a Infância e Juventude*. Porto: Deriva Editores, pp. 7-73. ISBN: 972-9250-37-8. [Excerto]

Outra figura de relevo é **António Manuel Couto Viana (1923)**, fundador do Teatro da Mocidade¹ (1948-1958) e do Teatro do Gerifalto² (1956) e organizador de *10 Peças de Teatro Infantil*, nas quais se inclui o texto da sua exclusiva autoria «Era Uma Vez... um Dragão». Nesta peça, introduzida por um actor que interpreta um «prólogo» e pontuada de marcas de narratividade, designadamente de elementos típicos dos contos infantis, intervêm as personagens Catrapaz, Catrapiz e Catrapuz, três amigos. Estas figuras de nome semelhante – como que a sugerir os seus traços comuns –, com um carácter dissimulado, possuem algumas fragilidades escondidas, sendo da sua revelação que nasce o cómico. A subversão de alguns modelos das narrativas tradicionais ou a paródia são, neste texto, fundamentais na promoção do riso.

No volume mencionado, Couto Viana assina também, em co-autoria com Ricardo Alberty, a peça «Do Cimo desse Telhado», texto protagonizado por um gato e um canário, figuras personificadas, que representam a dissimulação e a ingenuidade, respectivamente, mas que surpreendentemente acabam abraçados. Este autor, por sua vez, publica, na mesma colectânea, as peças «O Segredo da Abelha» e «O Menino e o Papagaio de Papel» [...]. Participam, ainda, do conjunto de autores Duarte Nuno de Figueiredo, com «João Mandrião», Fernando de Paços, com «A Cigarra e a Formiga» e «O Feiticeiro Infeliz», José António Ribeiro, com «Foi na Loja do Mestre André» e «Badalim Subiu ao Céu», e Pedro Bom, com «Viagem Breve a um Reino Esquecido».

No prólogo desta edição, refere-se que «das principais peças aparecidas e exibidas em mais de duas centenas de espectáculos dá este livro notícia cabal. Os seus autores são, sem perigo de desmentido, no tempo presente (e com destaque para Fernando de Paços), dos melhores criadores de Teatro Infantil que tem Portugal» (p. 8).

Couto Viana é também o responsável pela organização de uma breve antologia de peças portuguesas de teatro infantil, intitulada *Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças*. Esta publicação foi editada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1992 e, nela, incluem-se excertos de textos de alguns dos principais nomes ligados ao universo literário de recepção infantil³.

¹ Da intensa actividade do Teatro da Mocidade Portuguesa dá conta a publicação do repertório de Peças de Teatro daquela instituição, volume em que estão representados 17 autores, num total de referência a 73 peças. Contemplando temas variados, desde históricos, religiosos, tradicionais e comemorativos de datas significativas, destaca sobretudo a produção dramática de Adolfo Simões Müller (1); António Manuel Couto Viana (14); Beckert d'Assumpção (2); Duarte Nuno de Figueiredo (1); Esther de Lemos (3); Fernando Amado (3); Fernando de Paços (13); Francisco Nicholson (2); Francisco Ventura (1); Goulart Nogueira (1); José António Ribeiro (5); Maria Adelaide Couto Viana (1); Maria Isabel Mendonça Soares (2); Maria Manuela Couto Viana (2); Pedro Bom (1); Ricardo Alberty (15) e Ruy Miguel da Cruz (6).

² Nesta última companhia, colaboraram autores como Ricardo Alberty, Esther de Lemos, Fernando de Paços, Norberto Ávila, Natália Correia e Fernando Amado.

³ Encontram-se, nesta publicação, extractos de textos de Adolfo Simões Müller, Alice Gomes, António Manuel Couto Viana, Carlos Amaro, Eduardo Schwalbach, Esther de Lemos, Fernanda de Castro, José António Ribeiro, Lília da Fonseca, Mafalda de Castro, Maria Alberta Menéres, Maria Isabel Mendonça Soares, Nôel de Arriaga, Norberto Ávila, Patrícia Joyce, Pedro Bom, Pereira Coelho e Norberto Lopes, Ricardo Alberty e Virgínia Lopes de Mendonça e Laura Chaves.

Em 1997, veio a lume a primeira edição completa do *Teatro Infantil e Juvenil* deste autor (Couto Viana), um conjunto de 9 peças⁴, duas em co-autoria. A sua produção dramática, desenvolvida em estreita interacção com a encenação e com a própria representação, é muito numerosa e diversificada. Ligados ao contexto histórico-cultural que os suporta, salientam-se os textos de temática histórica⁵ e histórico-mítica⁶, religiosa⁷, cómica⁸, natalícia⁹ e tradicional¹⁰.

Obras analisadas

- VIANA, António Manuel Couto (s/ data). *10 Peças de Teatro Infantil*. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa (ilustrações de Pinto dos Santos) (sem ISBN).
- (1992) (org). *Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças*. Boletim Cultural n.º 6, Junho de 1992. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas) (sem ISBN).
- (1997). *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa: Nova Arrancada (ISBN 972-8369-042).

⁴ «Era Uma Vez... um Dragão», «Auto das Três Costureiras», «Uma História que Eu cá Sei», «O Natal dos Bonecos», «D. Gaifeiros» (adaptação), «Do Cimo desse Telhado» (com Ricardo Alberty), «O Príncipe com Orelhas de Burro» (com Fernando de Paços), «É um Regalo na Vida à Beira d'Água Morar» e «Auto dos Cinco Pastores».

⁵ Confrontar com «O Acto e o Destino», texto de temática histórica que apela ao sentido patriótico e à participação cívica e militar dos cidadãos.

⁶ Confrontar com «O Milagre de Ourique», «Lição de Aljubarrota», «Auto do Capitão de Deus» (peça protagonizada por D. Sebastião na véspera da sua partida para África).

⁷ Ver, por exemplo, «Auto do Bom Pastor», «A Tentação do Reino» e «O Caminho É por Aqui», peça galardoada com o 1º Prémio de Teatro no Concurso Chama de Maio de 1948, consiste numa alegoria sobre o conflito latente entre o Bem e o Mal.

⁸ Visível em peças como «Era uma vez... um Dragão!» e «Não, Clarim! Sim, Clarão!».

⁹ Confrontar com «O Natal dos Bonecos».

¹⁰ Ver, por exemplo, a peça «D. Gaifeiros», «Auto das Três Costureiras» e «Um Espinho da Flor».

ERA UMA VEZ... UM DRAGÃO [EXCERTO]*

António Manuel Couto Viana

Era uma vez... um Dragão!

Três amigos, Catrapaz, Catrapiz e Catrapuz, estão na floresta. Catrapiz, que é mentiroso, afirma que vive aí um dragão. Catrapaz, que é fanfarrão, diz que o vencerá, Catrapuz, que vai tirar a lição, disfarça-se de dragão, e ataca Catrapaz e Catrapiz, só se desmascarando depois destes se confessarem arrependidos dos seus defeitos.

Entram, pela direita, Catrapuz, Catrapaz e Catrapiz, em passo de dança. Vestem e movem-se como bonifrates. Catrapaz segura uma longa espada.

CATRAPUZ
(apontando o grupo de arbustos) Oh, que lugar excelente
Para a gente
Descansar um bom bocado:
Confortável... sossegado!...
Tu não achas, Catrapaz?

CATRAPAZ
(arrogante) A quem é forte e audaz
Qualquer pouco satisfaz.
Mas, ouçamos o que diz
Catrapiz.

CATRAPIZ
(aparentando receio) Não nos devemos fiar
Nas aparências, amigos!
Quanto perigos
Se podem bem ocultar
Sob as árvores da floresta!

CATRAPUZ Ora esta!
Então não querem lá ver!?
Que poderemos temer?

CATRAPAZ
(fazendo voltear a espada acima da cabeça) Com a minha espada na mão,
Tudo levo de roldão!

CATRAPIZ
(irónico) Mesmo... um dragão?

CATRAPUZ
(com espanto) } Um dragão?!
CATRAPAZ
(com receio) }

*In AA., VV. (Junho de 1992). *Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças*. Boletim Cultural Crianças, série VII, n.º 6 (organização de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas) (sem ISBN). Disponível on-line, em: <http://leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=boletim&task=view&id=146>.

CATRAPIZ <i>(misterioso, baixando a voz)</i>	Não se lembram os dois de eu ter contado Que ontem à noite, no povoado Onde dormimos, eu vira Um vulto estranho rondar O castelo do lugar?
CATRAPAZ	Ah! Julguei que era mentira!
CATRAPUZ <i>(em à parte, para o público)</i>	E era. Posso apostar!
CATRAPIZ <i>(aponta para fora de cena)</i>	Pois de novo o avistei Há pouco, quando passei Aquele grupo de arbustos!
CATRAPUZ <i>(irónico)</i>	Tu não ganhas para sustos!
CATRAPAZ <i>(medroso)</i>	E o dragão é assim-assim, De tamanho regular?
CATRAPIZ	Podes lá imaginar: Parece que não tem fim!
CATRAPUZ	Tem 'scamas?
CATRAPIZ	Como a pescada, E a língua, muito encarnada, Dez palmos fora da boca.
CATRAPAZ	Tem juba?
CATRAPIZ	Como um leão!
CATRAPUZ	E cauda?
CATRAPIZ	Como um pavão!
CATRAPAZ	Bigodes?
CATRAPIZ	Como uma foca!
CATRAPUZ	Tem garras?
CATRAPIZ	Como um jaguar! E os olhos, sempre a brilhar, São dois sóis na escuridão!
CATRAPAZ	Tem asas?

CATRAPIZ	Como um vampiro!
CATRAPUZ	E dentes
CATRAPIZ	De crocodilo!
CATRAPAZ	E tem voz?
CATRAPIZ	Como um trovão!
CATRAPUZ (<i> fingindo-se medroso</i>)	Mas que medo um bicho assim Deve causar! Ai, que horror!
CATRAPAZ (<i> readquirindo a calma</i>)	Tu esqueces-te de mim, Da minha audácia e valor?
(<i> para Catrapiz</i>)	Que pena não me teres dito Que o bicho andava p'ra aí!
CATRAPIZ	Podias ficar aflito...
CATRAPAZ	Só se o ficasse por ti! Contra a minha valentia A fera nada podia! Bastava eu erguer a espada E, zás! a língua encarnada Cortaria em mil bocados, Bem medidos e contados, Que, em fricassé ou assados, Seriam manjar do céu.

(*Por mímica, Catrapuz e Catrapiz troçam, em conjunto — e sem Catrapaz dar por isso —
destas fanfarronadas.*)

CATRAPUZ	E da juba, que farias?
CATRAPAZ	Abafo, p'rás noites frias: Poria o pobre dragão Bem ao léu!
CATRAPIZ	E da cauda de pavão?
CATRAPAZ	Arrancaria penitas, As mais finas e bonitas, Para enfeitar o chapéu.
CATRAPUZ	E dos olhos, dois luzeiros?

CATRAPAZ	Faria dois candeeiros P'rás mesas de cabeceira.
CATRAPIZ	Das asas?
CATRAPAZ	Uma bandeira Ou uma vela de navio, Para navegar no rio...
CATRAPUZ	E que farias das garras?
CATRAPAZ	Unhas, p'ra tocar guitarras!
CATRAPIZ (numa vénia exagerada)	Louvo a tua valentia!
CATRAPUZ (idem)	Pasmo com o teu valor!
CATRAPAZ (espreguiçando-se)	Confesso que estou cansado De assim me ter exibido E, agora, me apetecia Um sono reparador.
CATRAPUZ (apontando os arbustos)	Eu já vos disse há bocado Que este lugar é excelente Para a gente Dormir um sono comprido!
(irónico)	Depois do que o Catrapaz Nos assegura que faz, Não mete medo o que diz Catrapiz!
CATRAPIZ (idem)	Tens razão! Já não receio o dragão: Bastaria um simples gesto Do valente Catrapaz, Para o bicho fugir, lesto E sem olhar para trás.
CATRAPAZ (dirigindo-se para os arbustos que fica a mirar, tremendo exageradamente)	Muito bem: Eis a sombra que convém! Que pena o arbusto não ter Um galho mais elevado!
CATRAPIZ (com fingido espanto)	Mas, porquê, esse cuidado?

CATRAPUZ
(idem) Que vejo?! Estás a tremer!

CATRAPAZ
(disfarçando) É porque me constipei:
Atchim!... Já estou a espirrar...
De resto, sempre gostei
De morar num quinto andar!

(Deita-se junto dos arbustos e de frente para o público.)

CATRAPUZ
(passando para detrás dos
arbustos, ficando fora da cena) Vou deitar-me deste lado:
Tem mais sombra, mais frescura —
Irei dormir regalado!

(coloca o chapéu à vista do
público) Com o chapéu desta maneira,
Farei uma travesseira
Menos dura.

CATRAPIZ
(deitando-se ao lado de Catrapaz) E agora, caros amigos,
Esqueçamos os perigos,
Façamos ó-ó em paz.
Bom soninho, Catrapaz!

CATRAPAZ Catrapiz, sonhos risonhos!

CATRAPUZ Estes homens são medonhos,
(aparecendo por detrás dos
arbustos e fingindo-se zangado) Não têm pena de mim...
Deixai-me dormir, enfim!

CATRAPIZ
(bocejando) Pois sim!

CATRAPAZ
(idem) Sim!

(Adormecem)



Desenho de Pinto dos Santos

O NATAL DOS BRINQUEDOS – BREVE PEÇA EM UM ACTO*



© Walt Disney Productions



À meia-noite precisa, a chaminé encheu-se de alegria e movimento... Uma luz estranha, vinda não sei donde, iluminava a cena. E que cena!... Imaginem a montra de uma loja de brinquedos arrumada — ou, melhor, desarrumada — em cima de um fogão... A boneca de laçarote azul foi logo remirar-se, vaidosa, no varão muito bem areado... O avião, sempre atrevido, sempre com a mania das alturas, resolveu subir para a tampa da panela grande... E sobre a mesa da cozinha alinharam, impecáveis, os soldados de chumbo da caixa de papelão... E viam-se por toda a parte automóveis de corda, livros e cornetas, ursos de pêlo e jogos de paciência, bolas e vapores, palhaços e caixas de música... De súbito, ouviu-se uma voz... Era a boneca de laçarote azul...

BONECA — Ora esta! Não me dirão que fazemos nós aqui? Sim, que eu cá não sou boneca de cozinha...

URSO DE PÊLO — Pois tenha paciência. Faça como eu, que sou urso e que, apesar de estar habituado a outros climas mais frios, não protesto por me ver aqui em cima do fogão (estregando as mãos e soprando) Ah! Até me sabe muito bem este calorzinho.

AVIÃO — ... (Falando muito depressa e depois mais devagar, como se estivesse a aterrar) — Vê-se logo que não estás habituado aos prodígios maravilhosos do progresso. Não passas de um reles urso de pêlo... E fica sabendo que a curiosidade nem sempre é condenável.

URSO DE PÊLO (trocista) — Ou não fosse Vossa Excelência o Avião que anda sempre de cá para lá, a meter o nariz em tudo...

BOLA DE BORRACHA — Então, então! Deixem-se de discussões... Sim, que, aliás, têm ambos razão... A Dona Boneca, porque deseja saber onde estamos... E o doutor Ur-

so de Pêlo, porque se sente bem onde está...

TAMBOR — (à parte) — Ó prima Corneta! Quem é esta senhora gorducha que tanto é a favor da Boneca como do Urso de Pêlo?

CORNETA — (à parte) — Quê? O primo Tambor não conhece? Pois é a Bola de Borracha que nunca sabe para onde há-de cair... Por isso, não me admira a sua atitude...

BONECA — Bem. No fim de contas, vejo que ninguém sabe o que é que estamos aqui a fazer...

AVIÃO (muito depressa, e por fim, devagar) — E se perguntássemos num instante ao oficial dos soldados da caixa de papelão?

TODOS — Boa ideia! Boa ideia!

TAMBOR (à parte) Este avião, prima Corneta, bate todos os recordes...

CORNETA — Ah! Ah!

BONECA — Tenha então a bondade de perguntar, belo Avião!

AVIÃO (mesmo tom) Os seus desejos, minha senhora, são ordens... (pausa) Senhor Oficial dos Soldados da Caixa de Papelão! Sabe, porventura, dizer-nos os motivos por que nos encontramos todos aqui?

OFICIAL — Sou militar, meu caro Avião. Limite-me a cumprir ordens que recebo, sem nunca as discutir.

AVIÃO — Isso é uma insinuação, senhor Oficial?

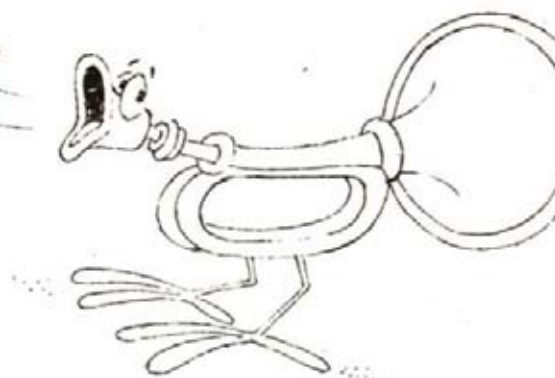
BOLA DE BORRACHA — Então, então! Não se zangue! Têm ambos razão: o oficial

6

* In AA., VV. (1980). Boletim Cultural Crianças, série V, n.º 4. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas) (sem ISBN). Disponível on-line, em: <http://leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=boletim&task=view&id=150>.

BRINQUEDOS

EM UM ACTO



não discutindo as ordens que recebe, e o avião querendo chegar rapidamente à origem dos problemas...

TAMBOR — Lá está outra vez, prima Corneta, a Bola de Borracha conciliadora...

CORNETA — Pois é... Sabe o que é que eu gostava de ser agora, primo Tambor? Não sabe?

TAMBOR — Não, priminha...

CORNETA — Era... um alfinete, para reventar a Borracha...

TAMBOR — Ah! Ah!

OFICIAL — Agora, se como oficial me liço a obedecer, posso, no entanto, como companheiro nesta reunião, dar-lhes um conselho...

BONECA — Diga, diga, jovem oficial!

OFICIAL — O brinquedo mais indicado

para lhes dar uma informação é o nosso colega Sabe-Tudo...

BONECA — O livro?

OFICIAL — Evidentemente.

AVIÃO — Sim. De facto, o livro é o brinquedo mais culto, segundo a tradição...

URSO DE PÊLO — Eu vou então interrogá-lo, apesar — repito — de me sentir aqui muito bem. Excelentíssimo Livro: Vossa Escelência que sabe tudo, sabe com certeza explicar-nos os motivos desta assembleia geral dos brinquedos?

LIVRO — Sim, meus amigos. Eu não sei tudo, como dizem, mas sei todas aquelas coi-



sas que os homens têm estudado e sonhado. Ora o motivo desta reunião é bem fácil de adivinhar...

BONECA — Bem fácil?!

LIVRO — Sim, bonequita de louça. Bem fácil. Basta saber a data em que estamos...

BONECA — Estamos a 25 de Dezembro de 1980.

LIVRO — Exactamente. A 25 de Dezembro. O ano não interessa... É só o dia e o mês... 25 de Dezembro... Deu há pouco meia-noite... E isto não lhes diz nada?

AVIÃO — Eu sei, senhor Livro, eu sei... Deixa-me responder à sua perguntinha?

LIVRO — Pois não.

AVIÃO — É dia de Natal.

TODOS — É verdade!

BOLA DE BORRACHA — É claro que todos sabem... No entanto, compreendia-se que a Boneca quisesse conhecer a razão por que estamos aqui...

TAMBOR — Ai esta Bola de Borracha, prima Corneta!

CORNETA — Ai esta Bola de Borracha, primo Tambor!

BONECA — E, já agora, senhor Sabe-Tudo, queira perdoar a minha ignorância...

LIVRO — A ignorância merece sempre perdão. O que não tem desculpa é a teimosia em não querer aprender as coisas.

BONECA — É que eu sou uma boneca muito nova... Ainda mal sei dizer mamã e papá...

URSO DE PÊLO — Pois é... Mas fala pelos cotovelos...

BONECA — Nasci este ano. De modo que não sei o que representa o dia 25 de Dezembro, a que chamaram... Natal!

TODOS — Ah! Ah! Ah!

LIVRO — Então, então, não se mostrem tão admirados... No reino dos homens, também há muita gente que não sabe o que é o Natal. E, pior ainda, há os que julgam saber mas não compreendem toda a beleza e todo o significado daquela palavra...

AVIÃO — Nós somos, no fim de contas, uns ignorantes...

CORNETA — Ó primo Tambor, reparou que o Avião já não anda tão depressa?

TAMBOR — Reparei!... E reparo também que é melhor agora a prima Corneta estar calada...

BONECA — Explique-nos então, sr. Sabe-Tudo, o que é o Natal...

LIVRO — Vão ver pelos vossos próprios olhos, neste livrinho de estampas... Tenho aqui três folhas coloridas e uma apenas esboçada, que ninguém teve ainda tempo para concluir. E é pena, porque podia ser tão bela!

URSO DE PÊLO — Mostre-nos então a primeira estampa...

LIVRO — Ei-la, meus amigos: É o Natal do Menino Jesus!



MUTAÇÃO RÁPIDA. AS VÁRIAS FIGURAS SURGEM ILUMINADAS, À MEDIDA QUE A VOZ AS VAI EVOCANDO.

VOZ (suave) — E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto ordenando, em nome de César, o recenseamento de toda a população.

(TOQUE DE TROMBETAS)

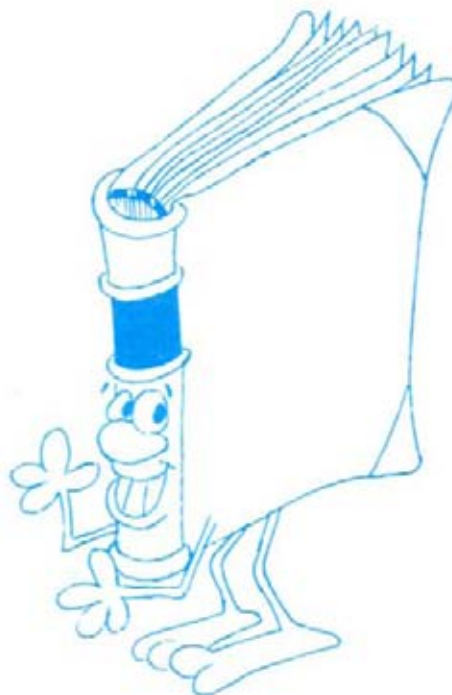
MENSAGEIRO — Em nome de César! Têm de ir todos alistar-se às suas cidades!

VOZ — E por isso veio também José, desde a cidade de Nazaré até à cidade de David, que se chama Belém, porque ele era da casa e da família de David. José trazia consigo sua esposa Maria, que estava para ser mãe. Aconteceu, porém, que, não havendo lugar para eles na estalagem, tiveram de passar a noite numa manjedoura, ao lado de um jumento e de uma vaquinha. E foi ali que nasceu o filho de Maria, a quem haviam de pôr o nome de Jesus, conforme anunciara meses antes o anjo Gabriel.

ANJO — Eu te saúdo, cheia de graça. O Senhor é contigo e bendita és tu entre as mulheres. Vais ter um filho, que será também filho de Deus e será chamado pelo seu nome: Jesus!

VOZ — Ora naquela mesma região estavam uns pastores que velavam alternadamente e guardavam, nas vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que se apresentou junto deles um Anjo do Senhor, e a claridade de Deus os cercou de resplendor. Os pastores ficaram cheios de medo, mas logo o Anjo lhes disse:

ANJO — Nada temais! Porque aqui anuncio uma grande alegria, que será também



para todo o povo. E que hoje nasceu, na cidade de David, o Salvador, que é o Cristo Senhor...

PASTOR — Mas como poderemos reconhecê-lo?

ANJO — Este é o sinal para vós: achareis um menino numa manjedoura...

PASTOR — Sim! Sim! Passemos até Belém!

2.º PASTOR — Vejamos o que é isto que sucedeu, que é o que o Senhor nos mostrou.

VOZ — E vieram então a toda a pressa e acharam Maria e José, e o Menino posto na manjedoura. E, vendo isto, conheceram a verdade do que lhes havia dito o Anjo. Entretanto, pelos desertos vinham os Reis Magos.



© Walt Disney Productions

(MÚSICA SUGERINDO A MARCHA DE
UMA CARAVANA)

VOZ — E perguntavam...

REI MAGO — Onde está o que nasceu
Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela
e viemos para o adorar...

VOZ — Herodes, ao ouvir isto, ficou muito
perturbado e convocou logo todos os prín-
cipes dos sacerdotes e os escribas do povo a
quem perguntou:

HERODES — Onde é que nascerá o
Cristo?

ESCRIBA — Em Belém de Judá... Porque
assim está escrito pelo profeta:

*E tu, Belém, Terra de Judá,
De nenhuma sorte és a mínima
Entre as principais de Judá,
Porque de ti há-de sair o condutor
que regerá o meu povo de Israel.*

VOZ — Herodes, então, chamou secreta-
mente os magos, informou-se com todo o
cuidado do que eles sabiam e, depois, en-
viou-os para Belém, dizendo:

HERODES — Ide e informai-vos do Me-
nino. E, quando o achardes, fazei-me saber,
para que, indo até lá, eu também o adore...

VOZ — E os magos partiram atrás da es-
trela que tinham visto no Oriente... E a estre-
la foi parar mesmo sobre a manjedoura onde
estava o Menino. E os magos, entrando,
acharam Jesus com Maria sua Mãe. E, pon-
do-se de joelhos, o adoraram. E, abertos os
seus tesouros, ofereceram-lhe o ouro, o in-
censo e a mirra.

E, reis e pastores, todos cantavam e glori-
ficavam o Senhor por tudo o que tinham
visto e ouvido!

*APAGA-SE A LUZ QUE ILUMINA O PRESE-
PIO E, EM NOVA MUTAÇÃO, SURGE OU-
TRA VEZ A CENA DA CHAMINÉ.*

LIVRO — Este é o Natal do Menino Jesus!

BONECO — E as outras estampas colori-
das de que falou, sr. Livro Sabe-Tudo?

LIVRO — Já vão vê-las também... E pena
tenho eu de não poder mostrar-lhes a última,
que seria talvez a mais bela de todas. Mas,
como já lhes disse, está incompleta...

AVIÃO — Tenho uma ideia!

URSO DE PÊLO — Deixe-se de ideias,
excelentíssimo senhor Avião, que nós quere-
mos é ver a segunda estampa!

BOLA DE BORRACHA — Então, então.
Têm ambos razão: o Urso de Pêlo querendo
ver a nova estampa, e o Avião tendo uma
ideia.



TAMBOR — Ó prima Corneta, já arranjou o alfinete?

CORNETA — Ainda não, primo Tambor.

TAMBOR — Pois é pena...

LIVRO — Dêem então muita atenção. Já viram o Natal do Menino Jesus. Vão ver agora — o Natal do Menino Rico.

A CENA REPRESENTA AGORA UM QUADRO DE NATAL FESTIVO. UMA CRIANÇA RODEADA DE BRINQUEDOS, CHORA AO PÉ DA MÃE.

CRIANÇA (chorando) Anh! Anh! Anh!

MÃE — Então, Nenê, não chores... Vá, limpa os olhos, meu querido filho...

CRIANÇA (chorando) Anh! Anh! Anh!

MÃE — Mas porque é que tu choras, afinal? Tiveste tantos brinquedos! O tio Eduardo trouxe-te um comboio com calhas e túnel e estação... O padrinho deu-te uma colecção de livros... O paizinho trouxe-te aquela bola que tanto desejavas! Eu dei-te um fatinho novo... E tiveste bolos e pudins, lápis-de-cores e automóveis... Porque choras, então, meu filho?

CRIANÇA (chorando, resmungona) É que esses brinquedos já não me interessam... Eu queria mas era o vapor que deram ao primo Carlos... Anh! Anh! Anh!

DE NOVO A CENA DA CHAMINÉ

BONECA — Mas, senhor Livro, que Sabe-Tudo: nem todos os meninos ricos passam assim o Natal.

LIVRO — Evidentemente. Mas há muitos que se aborrecem depressa com os brinquedos que têm e que só desejam depois os que pertencem aos outros...

URSO DE PÉLO — E a última estampa?

AVIÃO — A última não, perdão! Que eu bem ouvi dizer que havia mais uma que estava incompleta. E, a propósito, tive até uma ideia...

URSO DE PÉLO — E o senhor Avião a dar-lhe!

BOLA DE BORRACHA — Então, então!

TAMBOR — Ai, prima Corneta! (suspira)

CORNETA — Ai, primo Tambor (suspira)

LIVRO — Vou mostrar-lhes agora a terceira estampa colorida. Depois do Natal do Menino Jesus e do Natal do Menino Rico — o Natal do Menino Pobre...





*NUMA RUA TRISTE, UM MENINO POBRE
E UM SENHOR. OUVES-SE A VENTANIA.*

POBREZINHO — Meu senhor! Dá-me dez tostões...

SENHOR — Pega, pequeno... E porque não vais para casa?

POBREZINHO — Eu cá estava a ver se chovia...

SENHOR — Se chovia?

POBREZINHO — Sim, meu senhor.

SENHOR — Mas para quê, não me dizes?

POBREZINHO — É que, se chover, a água correrá para a valeta e eu poderei então brincar com este barquinho que fiz com um jornal. É o meu único brinquedo...

*NOVAMENTE, E ATÉ FINAL, A CENA DA
CHAMINE*

LIVRO — Então? Não dizem nada? Ficaram todos calados?

BONECA — É que...

URSO — Sim... Eu cá...

LIVRO — Bem, bem... Estão comovidos... Compreendo. E se ouvíssemos, para distrair, a ideia do Avião?

TODOS — Apoiado! Apoiado! Muito bem!

LIVRO — Colega Avião: exponha-nos, pois, a sua ideia!

AVIÃO — Bem... Isto nem é quase uma ideia... Talvez nem passe de um sonho... Como ando sempre no ar...

LIVRO — Mas diga sempre.

AVIÃO — Então, lá vai... O colega Sabe-Tudo disse que, além dessas três estampas coloridas que nos mostrou — o Natal do Menino Jesus, o Natal do Menino Rico e o Natal do Menino Pobre — havia ainda mais outra...

LIVRO — Exactamente. Mas que está apenas esboçada... Eu posso mostrá-la. Advinha-se mais do que se vê...



AVIÃO — E disse também, se não estou em erro, que essa estampa devia ficar muito bonita...

LIVRO — Oh! Sem dúvida nenhuma!

BONECA — É como se chama essa estampa por acabar?

LIVRO — O Natal de todos os meninos!

URSO DE PÊLO — De todos os meninos?!

LIVRO — Sim. De todos!

AVIÃO — Pois bem. A minha ideia era... — como dizer? — ...completar essa estampa.

URSO DE PÊLO — Completá-la?!

AVIÃO — Sim. Seríamos nós, os brinquedos, que trataríamos de a concluir.

URSO DE PÉLO — Como?

AVIÃO — Como?! É bem simples! Dividindo-nos por toda a parte, em vez de estarmos aqui juntinhos, que até mal sobra espaço para a gente se mexer. Como?! Indo cada um para seu lado, levar a alegria e a felicidade a um menino, pobre ou rico... Valeu?

LIVRO — Por mim, acho ótima a ideia...

BONECA — E eu...

URSO DE PÉLO — E eu...

LIVRO — Simplesmente, o que eu não sei é como poderemos pô-la em prática!

AVIÃO — Ora essa! Pelos nossos próprios meios... Quer ver? Estão todos de acordo?

TODOS — Sim... Sim...

AVIÃO — E já sabem o que nos cumpre fazer, para completar a estampa?

TODOS — Sim... Sim...

AVIÃO — Então, atenção! Oficial dos Soldados da Caixa de Papelão: dê ordem a todos os brinquedos para formarem... E depois que sigam aos seus destinos...

OFICIAL — Muito bem (voz de comando). Brinquedos! Sentido!

(RUFO DE TAMBOR)

OFICIAL — Ordinário, marche!

(MARCHA)

AVIÃO — E agora, amigo Automóvel, dê corda e vá-se também embora.

BONECA — Posso ir de automóvel?

URSO DE PÉLO — Quem vai sou eu!

BOLA DE BORRACHA — Então, então, têm ambos razão...

CORNETA — E eu tenho aqui um alfinete, primo Tambor. Tirei-o do vestido da boneca...

TAMBOR — Ah! Sim! Pois então era uma vez uma bola de borracha...

AVIÃO — Pronto! Já lá vai tudo... Chegou a nossa vez, amigo Livro! Salte para a minha carlinga...

LIVRO — É para já! Mas olhe: suba alto, muito alto, até às estrelas, para que a gente possa ouvir o que elas contam a respeito deste Natal dos brinquedos...

Livro: o brinquedo culto por excelência



Bibliografia*

- ▶ (1938-1950?). *Auto do Capitão de Deus: Peça em 1 acto*. [S.l.: s.n.] (coleção «Teatro da mocidade»).
- ▶ (1948). *O Avestruz Lírico: Poemas*. [S.l.: s.n.] (Lisboa: Gráf. Oriental).
- ▶ (1949). *O Caminho É por Aqui*. [S.l.: s.n.] (Lisboa: Of. Gráficas).
- ▶ (1949). *No Sossego da Hora*. [S.l.: s.n.] (Lisboa: Gráf. Boa Nova).
- ▶ (1950). *Era uma Vez... Um Dragão*. [S.l.: s.n.] (Lisboa: Tip. Casa Portuguesa).
- ▶ (1952). *Auto das 3 Costureiras: Ensaio de teatro popular* (cenários de José Amaro Júnior; figurinos de António Vaz Pereira). [S.l.: s.n.] (Lisboa: Tip. Rádio Renascença).
- ▶ (1953). *O Coração e a Espada: Poemas* (com um estudo crítico de David-Mourão Ferreira). Vila Nova de Famalicão: [s.n.] (Centro Gráfico de Famalicão).
- ▶ (1954). *Auto do Bom Pastor* (cenário de Marcelo de Moraes; figurinos de António Vaz Pereira). [S.l.: s.n.] (Lisboa: Tip. Rádio Renascença).
- ▶ (1954). *A Face Nua: Poemas*. [S.l.]: Távola Redonda (Vila Nova de Famalicão: Centro Gráf. de Famalicão José C. Silva).
- ▶ (1956). *A Tentação do Reino: Poema dramático*. Lisboa: [s.n.].
- ▶ (1957). *O Acto e o Destino*. Lisboa: [s.n.].
- ▶ (1959). *Um Espinho da Flor: Poema dramático em um acto cor-de-rosa* (ilustrações de Augusto Sobral). Lisboa: Tip. Portuguesa.
- ▶ (1959). *Mancha Solar*. Lisboa: Guimarães (coleção «Poesia e Verdade»).
- ▶ (1959). *O Milagre de Ourique*. Lisboa: Serv. de Publicações da Mocidade Portuguesa.
- ▶ (1960). *A Rosa Sibilina*. Lisboa: Verbo.
- ▶ (1964) (2ª ed.). *O Acto e o Destino: Poema dramático*. Lisboa: Serv. de Publicações da Mocidade Portuguesa (coleção «Teatro da mocidade»).
- ▶ (1964) (3ª ed.). *Auto do Bom Pastor*. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa (coleção «Teatro da mocidade»).
- ▶ (1965). *Poesia: [1948-1963]* (com estudos de David-Mourão Ferreira e Artur Anselmo). Lisboa: Verbo.
- ▶ (1965) (2ª ed.). *A Tentação do Reino: Poema dramático*. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa.
- ▶ (1967). *O Teatro ao Serviço da Criança*. Lisboa: [s.n.] (Braga: Of. Gráf. da Editora Pax).
- ▶ (1968). *Desesperadamente Vigilante* (com um estudo de Tomaz de Figueiredo). Lisboa: Verbo.

* Esta bibliografia tem como fonte principal o catálogo da Biblioteca Nacional.

- ▶ (1969). *Arco-íris: Abc das cores*. Lisboa: Verbo.
- ▶ (1970). *Teatro do Gerifalto (1956/57-1970/71) – 15 anos ao serviço do teatro e da criança*. S.n.: Empresa António Couto Viana.
- ▶ (1971). *Pátria Exausta* (com estudo de Eduíno de Jesus). Lisboa: Verbo.
- ▶ (1973). *Em Redor da Mesa*. Viana do Castelo: Rotary Clube.
- ▶ (1973). *Raiz da Lágrima*. Lisboa: Verbo.
- ▶ (1977). *Nado Nada*. Lisboa: Edições A Rua (coleção «Camoens»).
- ▶ (1978). *João de Deus e um Século de Literatura Infantil em Portugal: Conferência*. Lisboa: Ed. do Templo (coleção «Campo livre»).
- ▶ (1978). *Voo Doméstico*. Lisboa: Arcádia (coleção «Licorne»).
- ▶ (1979). *Júlio de Lemos num Retrato Breve e Leve*. Lisboa: Ed. do Templo (coleção «Campo livre»).
- ▶ (1980). *Coração Arquivista* (prefácio de David-Mourão Ferreira). Lisboa: Verbo (coleção «Arquivos pessoais»).
- ▶ (1980). *As Evocações Literárias: Estudos & memórias*. Lisboa: [s.n.] e Braga: Of. Gráf. da Livr. Editora Pax.
- ▶ (1980). *Retábulo para um Íntimo Natal* (prefácio de João Maia). Braga: [S.l.: s.n.] (Of. Gráf. Livr. Editora Pax).
- ▶ (1982). *Morte e Glória de Narciso no Poeta Alfredo Pimenta*. Guimarães: [s.n.] (Braga: Livr. Cruz).
- ▶ (1982). *Ponto de Não Regresso: Poemas* (com um estudo de Franco Nogueira). Braga: Pax.
- ▶ (1983). *Frei Luís de Sousa à Luz de Novas Luzes*. Porto: Círculo de Almeida Garrett.
- ▶ (1983). *Para um Encontro com o Poeta Alfredo Pimenta*. Guimarães: [s.n.] (Braga: Of. Gráf. da Livr. Cruz).
- ▶ (1984). *Duas Elegias para Maria Henriqueta*. [S.l.: s.n.] (Viana do Castelo: Gráfica Casa dos Rapazes) (Sep. Cadernos Vianenses).
- ▶ (1984). *A Minha Primeira História de Portugal* (ilustrações de Fernando Bento). Lisboa: Verbo.
- ▶ (1984). *Versos de Cacarcá* (ilustrações de Juan Soutullo). Lisboa e Porto: Litexa (coleção «Contos de ontem para crianças de hoje»).
- ▶ (1985). *O Tema da Restauração na Dramaturgia Portuguesa*. [S.l.: s.n.] (Odivelas: Imp. Fotogravura Corte-Real).
- ▶ (1985). *Uma Vez uma Voz: Poesia completa, 1948* (prefácio de José Carlos Seabra Pereira). Lisboa: Verbo.

- ▶ (1986). *Postais de Viana: Poesia*. Viana do Castelo: Casa dos Rapazes.
- ▶ (1986). *4 Postos Cimeiros da Gastronomia do Alto-Minho* (ilustrações de Manuel Couto Viana). [S.l.]: Região de Turismo do Alto Minho.
- ▶ (1987). *No Oriente do Oriente* (com estudo de Beatriz Basto da Silva; prefácio de Carlos Marreiros). Macau: [s.n.] (Macau: Gráf. Macau).
- ▶ (1988). *Estado Estacionário*. [S.l.]: António Manuel Couto Viana (Braga: Tilgráfica) (coleção «Cultura monárquica»).
- ▶ (1988). *Gentes & Cousas d'Antre Minho e Lima*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ (1990). *Mínimos*. Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho (coleção «Cronos. Poesia»).
- ▶ (1991). *Até ao Longínquo China Navegou...* Macau: Instituto Cultural (coleção «Poetas de Macau»).
- ▶ (1991). *Café de Subúrbio* (desenhos de Juan Soutullo; notas de Joaquim Manuel Magalhães e Fernanda Botelho). [S.l.: s.n.] (Lousã: Tip. Lousanense).
- ▶ (1991). *Não Há Outro mais Leal*. Lisboa: Átrio (coleção «O lugar da pirâmide»).
- ▶ (1991). *O Senhor de Si*. Lisboa: Átrio (coleção «O lugar da pirâmide»).
- ▶ (1992). «Residência Número Cinco e Sete na Rua do Seminário, em Macau, Construída em 1918 [Visual gráfico/Carlos Marreiros; Ó casas de Macau, senhoriais!] in *Revista de Cultura*. Macau.
- ▶ (1994). *Colegial de Letras e Lembranças*. Lisboa: Universitária.
- ▶ (1994). *A Musa à Mesa: A gastronomia na cena e na poesia portuguesas* (prefácio de Melo Lapa). Lisboa: Universitária.
- ▶ (1994). *Versos de Palmo e Meio* (ilustrações de Helena Fernandes). Porto: Asa (coleção «Benjamin»).
- ▶ (1995) (2ª ed.). *Álbum de Família: Rimances* (prefácio de Luís Dantas). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ (1995). *Escavações de Superfície*. Lisboa: Universitária (coleção «Estudos e memórias»).
- ▶ (1995). *Mão Cheia de Memórias e Poesia*. Constância: Casa Museu Vasco de Lima Couto.
- ▶ (1996). *Um Passeio Cultural na Poesia de António Ferreira*. Lisboa: Casa do Concelho de Ponte de Lima.
- ▶ (1996). *Por Horas de Comidas e Bebidas: (Crónicas gastronómicas)*. Lisboa: Nova Arrancada.
- ▶ (1996). *Relance sobre a Obra Ficcionalista do Conde d'Aurora*. Lisboa: Casa do Concelho de Ponte de Lima.

- ▶ (1996). *São João de Deus na Poesia Portuguesa: Florilégio*. Lisboa: Nova Arrancada.
- ▶ (1997). *Bom Garfo & Bom Copo: Temas gastronómicos* (revisão de Alice Araújo). Lisboa: Vega (coleção «Bom garfo & bom copo»).
- ▶ (1997). *Dicionário de Temas e Poemas* (1º vol.: A a I; 2º vol.: J a V). Lisboa: Universitária.
- ▶ (1997). *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa: Nova Arrancada.
- ▶ (1998). *Um Corpo de Três* (em co-autoria com José Cúcio e Victor Milheirão; versão espanhola de Julião Bernardes). Lisboa: Vega.
- ▶ (1999). *Ler, Escrever e Contar: Estudos e memórias* (prefácio de David Mourão Ferreira). Lisboa: Universitária.
- ▶ (1999). *Orientais: Poemas*. Lisboa: Universitária.
- ▶ (1999). *O Poeta pela Mão: Primeiros versos*. Lisboa: Universitária (coleção «Universitária poesia»).
- ▶ (2000). *Criança É Rima de Esperança: Versos* (prefácio de D. Duarte Pio de Bragança). Viana do Castelo: Centro Paroquial Social de Nª Sr.ª de Fátima.
- ▶ (2000). *Sou Quem Fui: Antologia poética* (posfácio de João Bigotte Chorão). Lisboa: Ática (coleção «Poesia»).
- ▶ (2001). *Era uma vez... Valdevez: Poema dramático*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal.
- ▶ (2001) (2ª ed.). *Postais de Viana* (apresentação por Defensor Moura). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ (2002). *Lendas do Vale do Lima* (ilustrações de António Vaz Pereira). Ponte de Lima: Valima.
- ▶ (2002). *Poetas Minhotos, Poetas do Minho: Perfis* (prefácio de Defensor Moura). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ (2003). *Cancioneiro de Olivença*. Lisboa: Hugin.
- ▶ (2003). *Meias de Seda Vermelhas e Sapatos de Verniz com Fivelas de Prata e Outros Contos*. Lisboa: Prefácio (coleção «Romance e ficção»).
- ▶ (2004). *60 Anos de Poesia, 1943-2003* (prefácio de Fernando Pinto do Amaral). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ▶ (2004). *O Velho de Novo* (prefácio de Pedro Mexia; ilustrações de Paulo Ossão). Porto: Caixotim – Artes e Letras.
- ▶ (2006). *Restos de Quase Nada e Outras Poesias* (ilustrações de Juan Soutullo; prefácio de Manuel de Freitas). Averno: M. Freitas.
- ▶ (2007). *Ao Gosto do Gosto* (ilustrações de Carlos Barradas). Porto: Antília Editora.
- ▶ (2008). *Bichos Diversos em Versos: Poesia infantil* (ilustrações de Afonso Cruz). Lisboa: Texto.

- ▶ (2008). *Coisas do Arco-da-velha com o Senhor Arco-íris* (ilustrações de Inês Moura Paes). Lisboa: Verbo.
- ▶ (2008). *Os Despautérios do Padre Libório e Outros Contos Pícaros*. Guimarães: Opera Omnia.
- ▶ (2008). *Disse e Repito*. Lisboa: Averno (coleção «Averno»).
- ▶ (2009). *Bichos Diversos em Versos: Poesia infantil* [documento em braille] (ilustrações de Afonso Cruz). Porto: CPAC.
- ▶ (2009). *Que É que Eu Tenho, Maria Arnalda? E Outros Contos Pícaros*. Guimarães: Opera Omnia.
- ▶ (2010). *Ainda Não*. Lisboa: Averno.
- ▶ (2010). *Versos de Cacarcá – Poesia infantil* (ilustrações de Vasco Gargalo). Lisboa: Leya Texto.

Traduções, edições, prefácios e outras colaborações

- ▶ (Abril/Maio 1956). *Graal: Poesia, teatro, ficção, ensaio, crítica*, n.º1 (direcção de António Manuel Couto Viana; propriedade da Empresa Nacional de Publicidade). Lisboa: Alberto Ramires dos Reis.
- ▶ (Dezembro 1956/Junho 1957). *Graal: Poesia, teatro, ficção, ensaio, crítica*, n.º4 (direcção de António Manuel Couto Viana; propriedade da Empresa Nacional de Publicidade). Lisboa: Alberto Ramires dos Reis.
- ▶ (1972). *Gil Vicente* (compilação por António Manuel Couto Viana; colaboração de Maria Emília Simões Assunção, Maria Adelaide Couto Viana e Maria Stella Afonso). Lisboa: Verbo (coleção «Gigantes da literatura universal»).
- ▶ (1972). *Molière* (tradução de António Manuel Couto Viana e Maria Adelaide Couto Viana). Lisboa: Verbo (coleção «Gigantes da literatura universal»).
- ▶ AA., VV. (1951). *Álbum do Camarada* (direcção de António Manuel Couto Viana e Júlio Gil). Lisboa: Mocidade Portuguesa.
- ▶ AA., VV. (1962). *10 Peças de Teatro Infantil* (prefácio de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Pinto dos Santos). Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa.
- ▶ AA., VV. (1983). *Tesouros da Poesia Portuguesa* (selecção, prefácio e notas de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Lima de Freitas). Lisboa: Verbo.
- ▶ AA., VV. (1985). *Breve Dicionário de Autores Portugueses* (organização de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Júlio Gil). Lisboa: Verbo.
- ▶ AA., VV. (1985). *Tesouros da Literatura Popular Portuguesa: Antologia* (organização de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Júlio Gil). Lisboa: Verbo.

- ▶ AA., VV. (1989). *Na Hora do Recreio: Antologia* (organização de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Fernando Bento). Lisboa: Verbo (colecção «Livro de ouro Verbo infantil»).
- ▶ AA., VV. (1991). *Terras da Beira na Literatura Portuguesa* (selecção de textos de António Manuel Couto Viana; fotografias de Maurício Abreu). Lisboa: Inapa.
- ▶ AA., VV. (Junho de 1992). *Tesouros de Teatro na Literatura Portuguesa para Crianças*. Boletim Cultural n.º 6 (organização de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas) (sem ISBN)
- ▶ AA., VV. (1996). *Na Hora do Recreio* (organização de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ AA., VV. (2001). *Cancioneiro do Rio Lima: Florilégio* (organização e prefácio de António Manuel Couto Viana). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ AA., VV. (2001). *12 Poetas Açorianos* (organização de António Manuel Couto Viana; prefácio de Eduíno de Jesus). Lisboa: Salamandra (colecção «Garajau»).
- ▶ AGAPITO, Maria de Lourdes (2002). *Por Dentro do Mundo* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Universitária (colecção «Universitária poesia»).
- ▶ ALBERGARIA, Jacinto Soares de (1982). *Âncora* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Braga: Pax.
- ▶ BARCA, Pedro Calderón de la (1971). *A Vida é Sonho; O Alcaide de Zalenda* (tradução de António Manuel Couto Viana e Maria Manuela Couto Viana). Lisboa: Verbo (colecção «Biblioteca Básica Verbo»).
- ▶ BRUNA, Dick (1973). *A Maçã* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (colecção «Malmequer»).
- ▶ CAMÕES, Luís de (1988). *Os Lusíadas* (adaptação de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Lima de Freitas). Lisboa: Verbo.
- ▶ CAMÕES, Luís de (1996). *Os Lusíadas* (adaptação de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Augusto Trigo). Lisboa: Verbo (colecção «Clássicos juvenis TVI»).
- ▶ CAMÕES, Luís de (2000). *Os Lusíadas* (adaptação de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (colecção «O prazer de ler. Clássicos juvenis»).
- ▶ CANINÉ, José (2000). *À Moda da Vida* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Faro: Algarve em Foco (colecção «Autores algarvios»).
- ▶ CANINÉ, José (2005). *Inquietando* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Prefácio.
- ▶ COLLODI, Carlo; CHICANDARD, Catherine e GIANNINNI (1983). *As Aventuras de Pinóquio* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (colecção «Grandes clássicos infantis»).
- ▶ CÚCIO, José (1996). *Memorial do Mar, da Raiva e da Paixão* (prefácio de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Vítor Milheirão). Lisboa: Cosmos.

- ▶ DALMAIS, Anne Marie (1979). *Os Contos do Gato Charabiá* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ DENIS, Dominique (1979). *Palhaços em Casa* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (coleção «Tempos livres»).
- ▶ DIAS, Francisco de Almeida (1996). *Romaria d'Agonia – Viana do Castelo* (texto de António Manuel Couto Viana). [Mafra]: ELO.
- ▶ DUMAS, Alexandre Davy de la Paelleterie (1976). *O Capitão Panfílio* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo Infantil (coleção «Verbo Infantil. Gigante»).
- ▶ DURÃO, Roberto (2000). *Trovas do Meu Pensar e do Meu Sentir* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Minerva.
- ▶ ESPINA, Concha; FOXÁ, Agustin de e NERUDA, Pablo (1997). *Por Outras Palavras: Poemas de Pablo Neruda, Agustin de Foxá, Concha Espina* (organização de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Vega (coleção «Sinais da escrita»).
- ▶ FATOU, Hélène e MÜLLER, Gerda (1983). *As Aventuras de João Polegar* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo.
- ▶ FATOU, Hélène e MÜLLER, Gerda (1985). *Tiago e o Feijoeiro Mágico* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Grandes clássicos infantis»).
- ▶ FEIJÓ, Salvato (1992). *Poesias Escolhidas* (prefácio de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Tiago Manuel). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ FIGUEIREDO, Tomaz de (2003). *Teatro* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (coleção «Obras completas de Tomaz de Figueiredo»).
- ▶ FOXÁ, Agustin de (1972). *10 Poesias sobre a Guerra Civil Espanhola* (tradução de António Manuel Couto Viana). Coimbra: Cidadela.
- ▶ GUIA, Martin (2005). *Rocha Castanha das Algas e Lapas* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Hugin.
- ▶ GUIMARÃES, Manuel (1987). *Fogo do Céu: Sonetos* (prefácio de António Manuel Couto Viana). [S.l.: s.n.] (Lisboa: Marques & Napoleão) (coleção «Tábua rasa»).
- ▶ HANSEN, Carla e HANSEN, Volhelm (1981). *Petzi Descobre um Tesouro* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Petzi»).
- ▶ HANSEN, Carla e HANSEN, Volhelm (1981). *Petzi e a Baleia* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Petzi»).
- ▶ HANSEN, Carla e HANSEN, Volhelm (1981). *Petzi e o seu Navio* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Petzi»).
- ▶ ICHIKAWA, Satomi e JAUREGUIBERRY, Martine (1983). *A Semana Divertida de Nuno e Carolina* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).

- ▶ ICHIKAWA, Satomi e MANGIN, Marie-France (1981). *Nuno e Carolina e o Circo Infantil* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).
- ▶ ICHIKAWA, Satomi e MANGIN, Marie-France (1982). *Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).
- ▶ ICHIKAWA, Satomi e RÉSIE, Pouyane (1984). *Nuno e Carolina Todo o Ano em Festa* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).
- ▶ ICHIKAWA, Satomi e RÉSIE, Pouyane (1986). *Nuno e Carolina Dão a Volta ao Mundo* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).
- ▶ ICHIKAWA, Satomi e VERITÉ, Marcelle (1982). *Nuno e Carolina no Jardim Zoológico* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Nuno e Carolina»).
- ▶ JESUS, Eduíno de (2005). *Os Silos do Silêncio: Poesia (1948-2004)* (prefácio de António Manuel Couto Viana; posfácio de Onésimo Teotónio Almeida; revisão de Miguel Antunes Pereira). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (coleção «Biblioteca de autores portugueses»).
- ▶ JUNÇA, José (2000). *Cantata Sibilina* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Universitária (coleção «Universitária poesia»).
- ▶ KAUFMAN, J. e MILLER, J.P. (ilustrações) (1969). *Primeira Aventura no Mundo das Medidas e dos Números* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ MACHADO, António Pinto (2003). *O Secretário do Embaixador* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Folhas & Letras.
- ▶ MARQUES, Guiomar Motta (1993). *A Festa do Natal: Arranjos ornamentais de mesas e interiores* (fotografias de Carlos Vasconcellos e Sá; introdução e selecção de quadras de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Inapa.
- ▶ MODESTO, Maria de Lourdes (1983) (4ª ed.). *Cozinha Tradicional Portuguesa* (textos introdutórios de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ MODESTO, Maria de Lourdes (2001) (19ª ed.). *Cozinha Tradicional Portuguesa* (fotografias de Augusto Cabrita e Homem Cardoso; introdução por António Manuel Couto Viana). Lisboa e São Paulo: Verbo.
- ▶ MOLIÈRE (1971). *O Senhor de Pourceaugnac* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (coleção «Biblioteca básica Verbo»).
- ▶ NABAIS, João-Maria (1996). *Crepúsculo das Noites Breves* (prefácio de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Francisco Ariztía). Carcavelos: Sol XXI.
- ▶ NERUDA, Pablo (1978). *As Pedras do Céu* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Arcádia (coleção «Licorne»).

- ▶ NERUDA, Pablo (2004). *As Pedras do Céu* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Vega (coleção «Sinais da escrita»).
- ▶ NEVES, Padre Moreira das (1994) (2ª ed.). *As Sete Palavras de Nossa Senhora: Cantata seguida de outros versos* (prólogo de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Rei dos Livros.
- ▶ NOGUEIRA, Manuela (2006). *Ritual sem Palco: Poesias* (apresentação por António Manuel Couto Viana). Lisboa: Vela Branca.
- ▶ PARLANE, Heather Lynn (ilustrações) (1992). *Um Dia na Praia* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ PARLANE, Heather Lynn (ilustrações) (1992). *Um Dia no Jardim* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ PESSOA, Fernando (1985). *Obras Escolhidas de Fernando Pessoa* (selecção de António Manuel Couto Viana; ilustrações de Lima de Freitas). Lisboa e São Paulo: Verbo.
- ▶ PORTUGAL, Marini (2007). *Cruzeiro do Sul: Tentativas poéticas em poemas imperfeitos* (ilustrações de Roberto Chichorro; elóquio por António Manuel Couto Viana; retrato do autor por Antonieta Janeiro; posfácio de João Manuel de Melo Mariz Fernandes). Lisboa: Roma Editora.
- ▶ QING, Ai (1987). *Poesia Escolhida* (rev. de matriz por António Manuel Couto Viana; tradução, prefácio e notas de Jun Guo Ping). Macau: Instituto Cultural (ed. bilingue).
- ▶ QUEIROZ, Eça de (1983). *O Suave Milagre* (condensação por António Manuel Couto Viana; ilustrações de João Correia). Lisboa: Difusão Verbo (coleção «Contos e lendas»).
- ▶ ROCHA, João da (1977). *709 Poesias de Reclamo à Casa Brasileira* (recolha, prefácio e notas de António Manuel Couto Viana). [S.l.: s.n.] (Viana do Castelo: Gráf. da Casa dos Rapazes).
- ▶ RODRIGUES, José Carlos (2004). *Sabores do Minho* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Editorial Notícias (coleção «Guias práticos»).
- ▶ SAAVEDRA, Ricardo de (1988). *Azimute de Marcha: Acácias rubras: poemas de exílio* («Itinerário poético de guerra e exílio» por António Manuel Couto Viana; comentário de Natércia Freire). Lisboa: Florida.
- ▶ SANT'IAGO, João (1989). *Dos Deuses e do Homem: Poemas* (pórtico de António Manuel Couto Viana). [S.l.: s.n.] (Viseu: Eden Gráfico).
- ▶ SENNA, Maria Celestina de Mello e (1998). *Cozinha de Macau* (apresentação de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Vega.
- ▶ TURNER, J. Jasper e JACOBS, L.B. (documentação) (1969). *Primeira Aventura no Mundo da Fantasia* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo (coleção «Primeira aventura no mundo»).
- ▶ VASCONCELOS, Maria Emília Sena de (1994). *Minha Terra mais Pequena* (prefácio de António Manuel Couto Viana; desenhos de Manuel Couto Viana). Viana do Castelo: Câmara Municipal.

- ▶ VIANA, Manuel Couto (1989-1990). *Ferro-velho: Memórias e estudos* (apresentação de Alberto Antunes de Abreu; prefácio de António Manuel Couto Viana). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ VIANA, Maria Adelaide Couto (1996). *Caminhos que Dão para a Vida: Obras Completas* (prefácio de António Manuel Couto Viana). Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ▶ VIANA, Maria da Conceição Couto (1983). *E os Versos Saem-me Assim...* (prefácio de António Manuel Couto Viana). [S.l.: s.n.] (Braga: Of. Gráf. Parque de Exposições de Braga).
- ▶ VIEIRA, Afonso Lopes (1998). *Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa* (edição de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Vega (coleção «Obras clássicas da literatura portuguesa. Séc. XX»).
- ▶ WORRALL, Linda (ilustrações) (1995). *Horas de Dormir – 1º vol.: Não Tenho Sono* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ WORRALL, Linda (ilustrações) (1995). *Horas de Dormir – 2º vol.: O Meu Urso?* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.
- ▶ WORRALL, Linda (ilustrações) (1995). *Horas de Dormir – 3º vol.: Só Mais uma Vez* (tradução de António Manuel Couto Viana). Lisboa: Verbo.